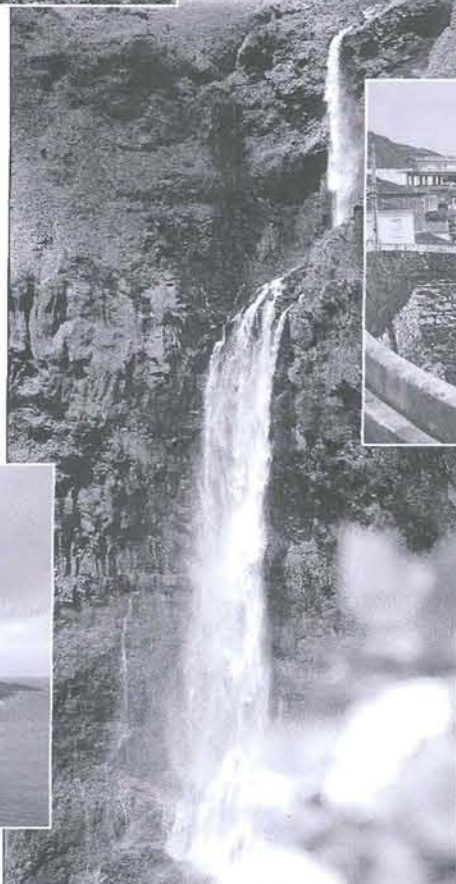




UNIVERSIDADE DOS AÇORES
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

projecto

XIII expedição científica * flores e corvo 2007



FLORES E CORVO DEVANEIOS DA NATUREZA

Horênsias alinhadas, horênsias em magotes. Da orla marítima aos picos mais elevados. Uma autêntica orgia de flores...

Quedas de água e despenharem-se do cimo das fragas apumadas, riscos brancos a luzirem ao sol.

E o verde, os múltiplos tons de verde, de que a ilha se veste, grácil manto que a cobre de lés-a-lés.

As Flores é a ilha princesa do arquipélago, linda e airosa, cativante e ataviada. É a candura que seduz, o encanto que entusiasma.

Caprichosas lagoas, semeadas pela parte alta; cerros agiométricos, talhados ao acaso. Tudo envolto num verde rutilante. E a Rocha dos Bordões magnífica e singular ...

*

Numa variedade paisagística, de inestimável grandeza, há laivos de doçura e passos terrificantes. Meiguice pelos vales opulentos, agressividade ao longo das vertentes que as ribeiras laceraram a caminho do mar.

Pela orla marítima, ilhéus de recortes preciosas e grutas que encham as entranhas da terra em ondas de fascinação.

Ilha das Flores, jardim natural, onde tudo são enfeites, onde a graça desceu, fadando-a, como sua eleita, num conjunto de maravilhas.

*

A vista rasga o horizonte. Mar e céu. Detém-se, todavia, no Corvo, companheiro inseparável, eterno apaixonado da mais deslumbrante ilha dos Açores. E, naquela paixão, a que é correspondido, também ele se enfeita com as suas mais belas roupagens, cobrindo-se, por vezes, de exóticos chapéus feitos de nuvens.

*

No complexo açoriano, em que a paisagem ofusca pela sua gritante policromia, a ilha das Flores ocupa um lugar de vanguarda. Nela há elegância, atracão e fecundidade. Até a chuva a pingar por entre os raios de sol, espectáculo vibrante que torna os pastos esverdãos, as lagoas prenes, as ribeiras em donairosas cascatas...

*

Variada nos seus múltiplos atractivos, a ilha resume em si todos os cambiantes de beleza. Um odor que acarícia, um chapinar do

...///...





UNIVERSIDADE DOS AÇORES
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

projecto

XIII expedição científica * flores e corvo 2007





flores e corvo 2007

projecto

FICHA TÉCNICA

Editor:

Universidade dos Açores – Departamento de Biologia
Rua da Mãe de Deus, 13-A
9501 - 801 PONTA DELGADA
São Miguel, Açores, Portugal

Título:

projecto - XIII expedição científica do Departamento de Biologia · flores e corvo 2007

Introdução, coordenação e edição:

João António Cândido Tavares

Capa, design interior, selecção de texto e paginação:

Duarte Soares Furtado

Data:

Junho de 2007

Reprodução gráfica:

Copipélago – Ponta Delgada

Montagem e acabamentos:

Tipografia Aníbal

Tiragem:

130 exemplares



COMISSÃO ORGANIZADORA

Investigador/Coordenador **JOÃO TAVARES**
Prof. Auxiliar **JOÃO MORA PORTEIRO**
Engenheiro Técnico **DUARTE SOARES FURTADO**
Assistente Administrativa Especialista **CONCEIÇÃO VIEIRA**

expedição científica





ÍNDICE

INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS	5
EQUIPAS E INVESTIGAÇÃO	8
GEOLOGIA – VULCANOLOGIA	8
GEOGRAFIA FÍSICA E HUMANA	8
FLORA VASCULAR	8
FLORA, VARIEDADES AGRÍCOLAS	9
MALACOLOGIA	9
GENÉTICA DOS NEMÁTODES	9
ENTOMOLOGIA E LUTA BIOLÓGICA	10
ECOLOGIA TERRESTRE	10
ECOLOGIA AQUÁTICA	10
VERTEBRADOS TERRESTRES	11
BIOMEDICINA	11
PSICOLOGIA SOCIAL	12
CONSERVAÇÃO E AMBIENTE	12
ESCOLA EB 2, 3/S DE MELGAÇO	12
ESCOLA B/I DAS COLMEIAS	12
SERVIÇOS AUDIO VISUAIS	13
ENFERMAGEM	13
LOGÍSTICA	13
CICLO DE CONFERÊNCIAS	14
MAPA DA ILHA DAS FLORES	16
MAPA DA ILHA DO CORVO	17
PARTICIPANTES	18
MEMBROS DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES	18
MEMBROS DE OUTRAS INSTITUIÇÕES	19
PLANO DAS DESLOCAÇÕES À ILHA DO CORVO	21
MAPA DE TRABALHOS COM OS GRUPOS DO ENSINO SECUNDÁRIO	24
INFORMAÇÕES DE INTERESSE GERAL	25
NOTA SOBRE A ILHA DAS FLORES	27
NOTA SOBRE A ILHA DO CORVO	27
A ILHA QUE DÁ DE BEBER AO MAR	28
A ILHA DAS FLORES HÁ 300 ANOS	29
A ILHA DAS FLORES	31
A CAÇA À BALEIA NAS FLORES	33
ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DAS ILHAS FLORES E CORVO	38
MAPA DA VILA DE SANTA CRUZ DAS FLORES	40
MAPA DA VILA DAS LAJES DAS FLORES	42
MAPA DA VILA NOVA DO CORVO	46
A VIDA NO CORVO	48
O FAQUIR PIRATA DA ILHA DO CORVO	50
FECHADURAS DO CORVO – OBJECTOS ÚNICOS	52
FLORES E CORVO	
AS MAIS DISTANTES E MAIS PERTO DO CORAÇÃO DE PORTUGAL	55
ALGUNS NOMES QUE TIVERAM ESTAS DUAS ILHAS	60
ILHA DAS FLORES – PERCURSOS PEDESTRES CLASSIFICADOS	62
SELECÇÃO BIBLIOGRÁFICA	66





INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS

Continuando com os propósitos estatutários da Universidade dos Açores (UA), no que respeita à criação, transmissão e difusão da cultura, da ciência e da tecnologia na Região Autónoma dos Açores, o Departamento de Biologia (DB) vai realizar entre 16 e 26 de Julho de 2007 a XIII Expedição Científica do DB: FLORES e CORVO 2007, destinada às ilhas do mesmo nome e que no passado foram matéria de um evento similar, a IV Expedição Científica do DB, em 1989, estando os 2 eventos separadas por períodos de 18 anos.

O DB coopera nos objectivos e atribuições da UA, desenvolvendo actividades de ensino, investigação e prestação de serviços à comunidade em variadas áreas especializadas da Biologia e da Geografia, essencialmente na sua sede no Campus Universitário de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel - Açores, mas a sua actividade impõe que se ultrapasse o limite da sua sede e ilha, ao serviço da comunidade e da ciência.

Sendo desejável que esta acção, não fique somente consignada aquela zona, mas também abranja sempre que possível as restantes ilhas do Arquipélago dos Açores, toma-se forçoso transpor diversas condicionantes de natureza financeira e logística que viabilizem a prossecução da actividade nas outras ilhas. Daí a utilidade do projecto "Expedições Científicas do DB", que é de interesse público, desenvolvido em períodos de intervalo lectivo, um dos mais clássicos da UA, que subsiste desde o início da actividade do DB e um dos mais acarinhados pela Sociedade Açoriana, dado que sempre reuniu um considerável apoio institucional público e privado.

Na *XIII Expedição Científica do DB* às ilhas das Flores e do Corvo, pretendemos desenvolver uma série de estudos para aprofundar o conhecimento sobre a vida e o ambiente, com planos de trabalho distintos, dos quais destacamos:

- Estudo da orla costeira, com especial incidência no levantamento e caracterização das zonas balneares: sistema de informação geográfica do domínio público marítimo;
- Estudo da Flora das ilhas das Flores e Corvo: actualização do catálogo das plantas vasculares, recolha de sementes, dados fenológicos e imagens digitais a integrar o Herbário Virtual dos Açores;
- Proceder à recolha e actualização de informação sobre a doença de Machado-Joseph, no âmbito do Programa de Aconselhamento Genético e Teste Preditivo. Dar-se-á ainda continuidade ao trabalho de recolha de amostras de material biológico, visando desenvolver trabalhos de caracterização das populações humanas dos Açores;
- Actualização das listas de vertebrados terrestres das ilhas das Flores e do Corvo;
- Actualização do inventário da cadeia trófica das pragas agrícolas lagarta-das-pastagens e mosca-da-fruta, através da recolha dos entomófagos, quer parasitas, quer predadores e estudos de densidade populacional;
- Estudo da malacofauna terrestre das ilhas Flores e Corvo, sobretudo centrada nos géneros *Drouetia*, *Leptaxis*, *Moreletina* e *Plutonia* que apresentam as maiores taxas de endemismo daquelas ilhas;





flores e corvo 2007

projecto

- Recolha de amostras de solo para isolar nemátodes e bactérias para a extracção de DNA e avaliar a diversidade genética comparando-o com o de isolados de outras ilhas. Far-se-á a análise de genes expressos para avaliar funções dos isolados, nomeadamente a secreção;
- Estudo da Flora do Grupo Ocidental através de uma amostragem georeferenciada das plantas vasculares e das variedades agrícolas tradicionais. As áreas protegidas serão alvo de uma atenção especial. Será feita a listagem, o mapeamento e o registo fotográfico das espécies observadas, incluindo a sua abundância relativa e o respectivo habitat;
- Ecologia Aquática: Actualização do conhecimento da biodiversidade marinha e de água doce; caracterização ecológica dos sistemas dulceaquícolas no âmbito da DQA (microrganismos, fitoplancton, fitobentos e invertebrados);
- Actividades em educação ambiental com as crianças e jovens locais, das quais destacamos os sub-projectos: *Litoral a cores*, cujo objectivo é o de mostrar a biodiversidade das regiões costeiras das ilhas das Flores; *Sons reciclados*, reutilização de materiais vulgarmente denominados RSU (Resíduos Sólidos Urbanos), transformando-os em instrumentos musicais e *Vamos fazer papel reciclado* para sensibilizar os participantes na reciclagem de papel e cartão.

Paralelamente, uma equipa do Departamento de Geociências estudará o vulcão poligenético do Caldeirão, Ilha do Corvo e as formas hidromagmáticas (*maars*) do planalto central da Ilha das Flores que constituem os elementos de geopaisagem mais singulares das ilhas do Grupo Ocidental. Identificação e caracterização dos elementos que tipificam a geodiversidade destas ilhas e promover a sua preservação e valorização das áreas ambientais dos Açores.

6

Para a realização deste acontecimento, o DB irá deslocar uma parte dos seus recursos humanos e materiais, bem como cientistas e técnicos de instituições internacionais, nacionais e regionais, com os quais vem colaborando. Também é nossa incumbência, participar em trabalhos de campo com os alunos dos diferentes graus, desde a licenciatura ao doutoramento, partilhando experiências e interagindo com outras áreas científicas. Como inovação do Projecto, registamos a participação de alunos de duas Escolas do Ensino Básico e Secundário do Continente. Os objectivos desta colaboração são as motivações de aprendizagem, cujos resultados serão evidenciados no futuro, nomeadamente com a divulgação da Universidade fora do Arquipélago.

Neste contexto, o projecto XIII Expedição Científica do DB às ilhas FLORES e CORVO, em 2007, será desenvolvido no campo por 18 equipas, compostas por expedicionários provenientes de distintas categorias: 25 docentes /investigadores, 5 bolseiros de pós-doutoramento, 5 bolseiros de doutoramento, 10 técnicos /investigadores superiores, 7 bolseiros de investigação, 3 alunos de mestrado, 15 alunos de licenciatura, 24 alunos do 3º ciclo do ensino básico e do secundário, 8 técnicos, 3 motoristas, 3 colaboradores, 1 secretária e 1 fotógrafo. Pela extensão dos recursos envolvidos, 110 expedicionários, esta é a maior expedição científica até agora organizada pelo Departamento de Biologia.

A XIII Expedição Científica do DB às ilhas Flores e Corvo ficará sediada nas antigas instalações do Hotel SITURFLOR situado em Santa Cruz das Flores, cedido para o efeito pela Câmara Municipal daquela Autarquia e em 24 (vinte e quatro) tendas de campismo do Serviço Regional da Protecção Civil da Região Autónoma dos Açores. Esta campanha conta com apoio logístico dos três Municípios do Grupo Ocidental do Arquipélago: Santa Cruz das Flores, Lajes das Flores e Vila Nova do Corvo; Associação dos Bombeiros Voluntários de Santa Cruz das Flores; Associação de Jovens das Flores -

expedição científica





flores e corvo 2007

projecto

Clube Informático de Santa Cruz das Flores; Associação de Municípios da Ilha das Flores; Clube Naval das Lajes das Flores; Corpo de Escuteiros da Ilha das Flores - Agrupamento 691 de Nossa Senhora da Conceição; Ecoteca da Ilha das Flores; EDA, Electricidade dos Açores, S.A. - Distribuição Flores e Corvo; Escola Básica/Integrada Mouzinho da Silveira de Vila Nova do Corvo; Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo; Serviços de Ambiente das Flores e Corvo; Serviço de Desenvolvimento Agrário das Flores e Corvo; Serviços Florestais das Flores e Corvo e Serviços de Ilha da Secretaria Regional da Habitação e Equipamentos.

A par das actividades de campo e como extensão da investigação científica, terão lugar diversas "Acções de Sensibilização Ambiental", promovidas pelo CCPA (Centro de Conservação e Protecção do Ambiente) em colaboração com a Ecoteca da Ilha das Flores, um "Ciclo de Conferências" organizadas pela XIII Expedição Científica em colaboração com as Autarquias, Serviço de Desenvolvimento Agrário das Flores e Corvo e Escola Básica/Integrada Mouzinho da Silveira, onde alguns cientistas proferirão 11 (onze) conferências sobre diversos aspectos do ambiente, da fauna e da flora, destinadas aos estudantes do ensino secundário, aos agricultores e aos técnicos da agricultura, ambiente e florestas. Salienta-se que, todas estas actividades estão abertas à participação da população em geral.

Os resultados preliminares da actividade desenvolvida durante a XIII Expedição Científica do DB às ilhas Flores e Corvo, à semelhança das anteriores expedições, serão alvo de publicação na série Relatórios e Comunicações do Departamento de Biologia, durante o primeiro trimestre de 2008.

Ponta Delgada, 31 de Maio de 2007.

O Presidente da Comissão Organizadora,
Doutor JOÃO TAVARES





EQUIPAS E INVESTIGAÇÃO

GEOLOGIA – VULCANOLOGIA

Prof. Auxiliar **JOÃO CARLOS NUNES**

Profª. Auxiliar **ZILDA MELO FRANÇA**

Licenciada **EVA MELO CUNHA DE ALMEIDA LIMA**

Licenciada **SARA MARIA TEIXEIRA DE MEDEIROS**

GEOLOGIA

- estudo dos aspectos morfológicos/estruturais indicativos dos tipos de vulcanismo que foram responsáveis pela edificação das duas ilhas em causa;
- noções sobre o "state of art" do conhecimento do vulcanismo dos Açores.

VULCANOLOGIA - GEODIVERSIDADE

Geodiversidade das ilhas Flores e Corvo:

- inventário e caracterização do património geológico;
- identificação de geopaisagens e sua inserção em áreas ambientais e na rede de áreas protegidas.

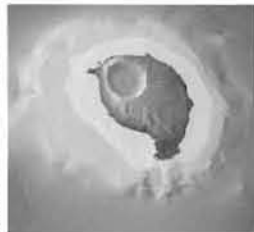
8

GEOGRAFIA FÍSICA E HUMANA

Prof. Auxiliar **JOÃO MORA PORTEIRO**

Recolha de dados para a gestão integrada da zona costeira:

- usos do solo;
- implementação de um sistema de informação geográfica;
- identificação de condicionantes e de potencialidades;
- avaliação do estado e pressão ambientais.



FLORA VASCULAR

Profª. Auxiliar **MARIA JOÃO PEREIRA**

Licenciado **CARLOS MEDEIROS**

Engenheiro Técnico **DUARTE SOARES FURTADO**

Aluno de Licenciatura **RAFAEL SOUSA ARRUDA**

Flora vascular das ilhas Flores e Corvo:

- catálogo das plantas vasculares da ilha do Corvo;
- fenologia, registo digital e herborização de plantas vasculares das ilhas Flores e Corvo.





FLORA, VARIEDADES AGRÍCOLAS

Prof. Auxiliar **LUÍS DIAS E SILVA**

Profª. Auxiliar **MÓNICA MARIA TAVARES DE MOURA**

Profª. Auxiliar **MARIA GRACIETE BELO MACIEL**

Licenciado **PAULO MACIEL AMARAL**

Bolseira de Investigação **MÓNICA CRISTINA MARTINS**

Aluno de Licenciatura **MANUEL MARIA BOTELHO DE GUSMÃO SARREIRA**

Aluna de Licenciatura **CRISTINA MARQUES SILVA**

Aluno de Licenciatura **PAULO MIGUEL COSTA**

Estudo da flora, vegetação e variedades agrícolas do grupo ocidental:

- geo-referência das plantas endémicas;
- amostragens das variedades agrícolas.



MALACOLOGIA

Prof. Catedrático **ANTÓNIO FRIAS MARTINS**

Profª. Auxiliar **REGINA TRISTÃO DA CUNHA**

Bolseiro de Investigação **PEDRO RODRIGUES**

Licenciada **PATRÍCIA GOMES MADEIRA**

Técnico Profissional **PAULO JORGE MELO**

Aluna de Licenciatura **CIDALINA DO CARMO LOPES GOMES**

Aluna de Licenciatura **ANA CRISTINA FURTADO REBELO**

Recolha de exemplares da malacofauna terrestre das ilhas Flores e Corvo, de acordo com os seguintes objectivos:

- contribuir para o carregamento das bases de dados dos projectos "Atlantis Tierra 2.0 - Biodiversidade da malacofauna terrestre dos Açores & Bionatura";
- efectuar colheitas de exemplares dos géneros *Drouetia*, *Leptaxis*, *Moreletina* e *Plutonia*, que revelam as maiores taxas de endemismo daquelas ilhas.

GENÉTICA DOS NEMÁTODES

Doutor **RAFAEL MONTIEL DUARTE**

Doutor **YOU JIN HÃO**

Doutor **NATESAN BALASUBRAMANIAN**

Bolseiro de Doutoramento **DUARTE TOUBARRO**

Bolseira de Doutoramento **ANA JUDITE LOPES ALBANO BRAZ DUARTE**

Bolseira de Investigação **GISELA NASCIMENTO**

Aluno de Licenciatura **RICARDO GAMBOA GIL DUARTE FERREIRA**

Recolha de amostras de solo para isolar nemátodes e bactérias para a extracção de DNA e avaliar a diversidade genética comparando-o com o de isolados de outras ilhas:

- análise de genes expressos para avaliar funções dos isolados, nomeadamente a secreção.





flores e corvo 2007

projecto

ENTOMOLOGIA E LUTA BIOLÓGICA

Investigador Coordenador **JOÃO TAVARES**
Investigadora Auxiliar **MARIA LUÍSA OLIVEIRA**
Doutor **VIRGÍLIO VIEIRA**
Licenciada **ROSA LOBATO MARTINS**

Prospecções da praga da lagarta-das-pastagens e seus inimigos naturais nas ilhas de Flores e Corvo:

- contribuição para o estudo dos artrópodes;
- inventário dos lepidópteros existentes;
- inventário de parasitóides com interesse para o controlo biológico de pragas agrícolas;
- inventário de pragas agrícolas junto dos agricultores e associações.



10 ECOLOGIA TERRESTRE

Prof.^a Auxiliar **MARIA DA ANUNCIÇÃO VENTURA**
Técnico Profissional **ROBERTO RESENDES**
Aluna de Licenciatura **RAQUEL GONÇALVES MENDES**

Realização, nas ilhas de Flores e Corvo, de estudos vocacionados para a área Animal, trabalhando essencialmente com populações de invertebrados terrestres e suas adaptações morfo-fisiológicas em resposta aos factores ambientais:

- inventariação das populações da ordem Neuroptera nas duas ilhas, confirmando o estatuto de distribuição das espécies de Crisopídeos presentes no Arquipélago dos Açores.

ECOLOGIA AQUÁTICA

Prof.^a Auxiliar **ANA CRISTINA RICARDO COSTA**
Doutor **IAN DODKINS**
Doutorada **PAULA CRISTINA BARBOSA AGUIAR**
Bolsêiro de Doutoramento **PEDRO RAPOSEIRO**
Bolsêira de Doutoramento **JOANA MICAEL PEREIRA**
Bolsêiro de Investigação **PAULO CUSTÓDIO PIRES ANTUNES**
Mestre **LUÍS FILIPE DAS NEVES CUNHA**
Mestre **MARIA ANA MANSO DIONÍSIO**
Licenciada **ANDREIA BRAZÃO ANTUNES CARDOSO DA CUNHA**
Licenciada **VERA LÚCIA FERREIRA MALHÃO**
Aluna Erasmus **ANA MARIA PALMERO PALMERO**
Aluno de Licenciatura **JOÃO CLÁUDIO CABRAL RAMOS**
Aluna de Licenciatura **CLÁUDIA LUÍSA SALVADOR HIPÓLITO LOPES**
Técnico Profissional **JOÃO MANUEL MEDEIROS BRUM**
Técnico de Laboratório **RUI PAULO COSTA MESTRE**

expedição científica





flores e corvo 2007

projecto

Inventariação da fauna de invertebrados marinhos particularmente dos Porífera, Crustácea e Poliquetas:

- colheita de organismos dos referidos grupos;
- realizar mergulhos de forma a fazer registo fotográfico dos organismos, registando os dados do seu habitat (profundidade, substrato, orientação, etc);
- realização de experiências, de preferências alimentares "in loco", utilizando espécies seleccionadas de predadores;
- testar metodologias de avaliação de movimentação de espécies bentónicas.

Caracterização biológica dos sistemas dulceaquícolas:

- amostragem microbiológica e de invertebrados.



VERTEBRADOS TERRESTRES

Profª. Auxiliar **MARIA DE FÁTIMA MEDEIROS**

Profª. Auxiliar **MARIA AMÉLIA FONSECA**

Licenciado **JOÃO JOSÉ SOARES DO AMARAL**

Licenciado **SÉRGIO PAULO MARTINS ALMEIDA**

Aluno de Mestrado **JOSÉ CARLOS MONIZ VIEIRA**

Aluna de Mestrado **MARGARIDA AFONSO SANCHES VEIGA**

Aluno de Licenciatura **RAFAEL FABRÍCIO GOMES NUNES**

Aluna de Licenciatura **CÁTIA SOFIA ALVES GOUVEIA**

Identificação das espécies de vertebrados:

- detecção de espécies vulneráveis ou raras.

BIOMEDICINA

Profª. Associada **MARIA MANUELA LIMA**

Doutor **YAHYA DAHMANI**

Bolseira de Doutoramento **MARIA DA CONCEIÇÃO BETTENCOURT**

Aluno de Licenciatura **BRUNO MIGUEL MENESES GONÇALVES**

Proceder à recolha e actualização de informação sobre a doença de Machado-Joseph, no âmbito do Programa de Aconselhamento Genético e Teste Preditivo:

expedição científica



- continuidade ao trabalho de recolha de amostras de material biológico, visando desenvolver trabalhos de caracterização das populações humanas dos Açores.

PSICOLOGIA SOCIAL

Aluna de Mestrado **SANDRA CRISTINA LOPES ALBANO DUARTE**

Realização de entrevistas semi-estruturadas sobre percepção de risco sísmico e vulcânico e formas de comunicação em torno desses eventos naturais, inseridas no Projecto TOPOI METUS - Cosmografias sociais do perigo (Percepção dos riscos associados a desastres naturais).



CONSERVAÇÃO E AMBIENTE

Profª. Auxiliar **MARIA DA ANUNCIÇÃO VENTURA**

Professora do Ensino Secundário **MARIA HELENA SOARES DE SOUSA**

Professora do Ensino Secundário **MARLENE DE FREITAS NOIA**

Aluna de Licenciatura **RAQUEL GONÇALVES MENDES**

Aluno de Licenciatura **ANDRÉ REBELO MEDEIROS**

Técnico Profissional **ROBERTO RESENDES**

Técnica Profissional **SANDRA CARMÉM SOARES DE MEDEIROS MONTEIRO**

No âmbito da Política dos 3 R's (reduzir - reutilizar - reciclar) e conscientes da necessidade de uma real atitude de educação ambiental, este projecto visa envolver as escolas e a comunidade educativa em geral, em actividades simples mas, simultaneamente, motivadoras e transdisciplinares que favoreçam o desenvolvimento e de uma cidadania responsável, participativa e consciente da responsabilidade na salvaguarda do património natural da sua região e do planeta em geral.

ESCOLA EB 2, 3/S DE MELGAÇO [#]

Licenciada **ROSA MARIA LOBATO MARTINS**

Aluna do Ensino Secundário **MAGDA RITA FERREIRA DURÃES**

Aluna do Ensino Secundário **CARLA MANUELA PIRES ESTEVES**

Aluno do Ensino Secundário **BATISTE EMMANUEL PARENTE ENES**

Aluna do Ensino Secundário **ANDREIA SOFIA LIMA**

Aluno do Ensino Secundário **CARLOS ANDRÉ RIBEIRO AFONSO**

Aluno do Ensino Secundário **HUGO ANDRÉ ALVES AFONSO**

Aluno do Ensino Secundário **SAMUEL ALVES**

Aluna do Ensino Secundário **DIANA RAQUEL RODRIGUES DANTAS**

Aluno do Ensino Secundário **JORGE MIGUEL FERNANDES PARENTE**



ESCOLA B/I DAS COLMEIAS [#]

Mestre **MARIA DE FÁTIMA ROSA LOPES**

Licenciada **GRAÇA MARIA DOMINGUES MORGADO**

Licenciada **ELISABETE DA GLÓRIA GASPAS SANTOS**

Licenciada **MARIA MANUELA VERÍSSIMO**

Encarregada de Educação **MARIA VIRGINIA MARTO SILVA**





flores e corvo 2007

projecto



Encarregada de Educação ARMINDA MARIA DA SILVA LISBOA
Encarregado de Educação VITOR MANUEL DA SILVA CARPALHOSO
Aluno do Ensino Secundário DANIEL JOSÉ AUGUSTO LAGOA
Aluno do Ensino Secundário ANTONY SOARES DIONISIO
Aluno do Ensino Secundário KEVIN SILVA PEDRO
Aluno do Ensino Secundário JOÃO PAULO ESTRELA NABEIRA
Aluno do Ensino Secundário RUI MELO
Aluno do Ensino Secundário HUGO GOMES PEREIRA
Aluna do Ensino Secundário PATRÍCIA MARTO LISBOA
Aluna do Ensino Secundário BRUNA SILVA ESTRELA
Aluna do Ensino Secundário INÉS RUFINO SILVA
Aluna do Ensino Secundário LUCIE DOMINGUES DE SOUSA
Aluna do Ensino Secundário DIANA VERÍSSIMO RODRIGUES
Aluna do Ensino Secundário ANDREIA TAVARES DOS SANTOS
Aluna do Ensino Secundário VILMA SOFIA DOMINGUES SALGADO
Aluna do Ensino Secundário MARIA ALEXANDRA LOPES NOGUEIRA
Aluna do Ensino Secundário MARINA ELISABETE DA SILVA RODRIGUES

[#] Integram-se em sistema de rotatividade nas equipas de investigação com vista ao ensino experimental das ciências no ensino básico e secundário em contexto não formal.

SERVIÇOS AUDIO VISUAIS

Operador de Meios Audiovisuais **EMANUEL PACHECO**
Operador de Reprografia TOMAZ CARVALHO DE SOUSA
Fotojornalista PEDRO MONTEIRO
Técnico ANDRÉ MAGALHÃES DE SOUSA SANTOS

Cobertura total em foto e vídeo:

- asseguram a cobertura total em foto, vídeo e imprensa escrita dos diversos trabalhos a desenvolver pelas equipas de investigação.

ENFERMAGEM

Enfermeiro **TIMOTHY FRANCISCO LIMA**

LOGÍSTICA

Engenheiro Técnico **DUARTE SOARES FURTADO**
Assistente Administrativa Especialista CONCEIÇÃO VIEIRA
Motorista JOSÉ MANUEL TAVARES
Motorista JOSÉ FARIAS VIVEIROS
Motorista JOSÉ ALFREDO DE SOUSA VIEIRA



13

expedição científica





CICLO DE CONFERÊNCIAS

ILHA DAS FLORES

ECOLOGIA DOS ROEDORES DOS AÇORES

Orador: Licenciado **JOÃO JOSÉ SOARES DO AMARAL**

Local: Serviço de Desenvolvimento Agrário das Flores e Corvo – Fazenda das Lajes

Dia e Hora: 19 de Julho às 10H00m

CONTROLO INTEGRADO DA PRAGA AGRÍCOLA LAGARTA-DAS-PASTAGENS NOS AÇORES

Orador: Investigador Coordenador **JOÃO ANTÓNIO CÂNDIDO TAVARES**

Local: Serviço de Desenvolvimento Agrário das Flores e Corvo – Fazenda das Lajes

Dia e Hora: 19 de Julho às 10H30m

DO ISOLAMENTO GEOGRÁFICO AO GENÉTICO: ESTUDO DA POPULAÇÃO HUMANA DA ILHA DAS FLORES

Oradora: Prof^ª. Associada **MANUELA LIMA**

Local: Salão Nobre dos Paços do Concelho de Santa Cruz das Flores

Dia e Hora: 19 de Julho às 21H00m

14



VULCANISMO DOS AÇORES: O CASO ESPECÍFICO DAS ILHAS DO CORVO E DAS FLORES

Oradora: Prof^ª. Auxiliar **ZILDA FRANÇA**

Local: Salão Nobre dos Paços do Concelho de Santa Cruz das Flores

Dia e Hora: 19 de Julho às 21H30m

PAISAGENS VULCÂNICAS DO GRUPO OCIDENTAL DOS AÇORES: RECURSO GEOTURISTICO E AMBIENTAL

Orador: Prof. Auxiliar **JOÃO CARLOS NUNES**

Local: Salão Nobre dos Paços do Concelho de Santa Cruz das Flores

Dia e Hora: 19 de Julho às 22H00m

GENETIC DIVERSITY OF *XENORHABDUS NEMATOPHILA* ISOLATED IN THE AZORES

Orador: Aluno de Licenciatura **RICARDO GÂMBOA**

Local: Auditório da Câmara Municipal das Lajes das Flores

Dia e Hora: 23 de Julho às 21H00m





flores e corvo 2007

projecto

IMPORTÂNCIA DAS AVES MARINHAS NOS PLANOS DE GESTÃO COSTEIRA - O CASO DA ILHA DAS FLORES

Orador: Bolseiro de Investigação **PEDRO RODRIGUES**

Local: Auditório da Câmara Municipal das Lajes das Flores

Dia e Hora: 23 de Julho às 21H30m

BIODIVERSIDADE DOS CURSOS DE ÁGUA E LAGOAS DA ILHA DAS FLORES

Orador: Bolseiro de Doutoramento **PEDRO RAPOSEIRO**

Local: Auditório da Câmara Municipal das Lajes das Flores

Dia e Hora: 23 de Julho às 22H30m

ILHA DO CORVO

A AVENTURA DAS PLANTAS NOS AÇORES - VALOR E POTENCIALIDADES DA FLORA AUTÓCTONE

Oradora: Prof^a. Auxiliar **MARIA JOÃO PEREIRA**

Local: Biblioteca da Escola B/I "Mousinho da Silveira"

Dia e Hora: 21 de Julho às 21H00m

CONTROLO INTEGRADO DA PRAGA AGRÍCOLA LAGARTA-DAS-PASTAGENS NOS AÇORES

Orador: Investigador Coordenador **JOÃO ANTÓNIO CÂNDIDO TAVARES**

Local: Biblioteca da Escola B/I "Mousinho da Silveira"

Dia e Hora: 21 de Julho às 21H30m

ECOLOGIA DOS ROEDORES DOS AÇORES

Orador: Licenciado **JOÃO JOSÉ SOARES DO AMARAL**

Local: Salão Nobre dos Paços do Concelho de Vila Nova do Corvo

Dia e Hora: 22 de Julho às 21H00m



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DA AGRICULTURA E FLORESTAS
SERVIÇO DE DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO DAS FLORES E CORVO

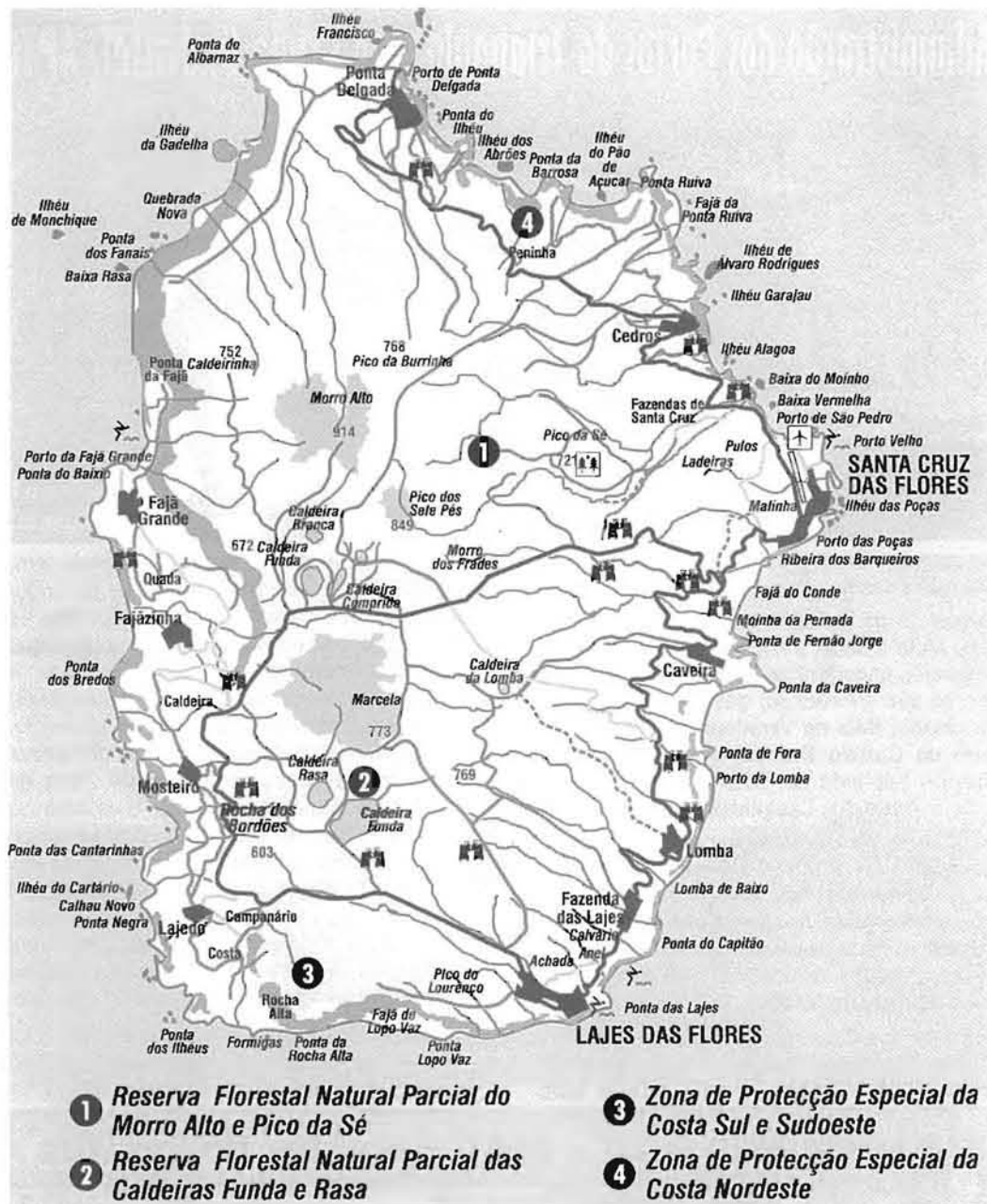


15

expedição científica



MAPA DA ILHA DAS FLORES



16





flores e corvo 2007

projecto

MAPA DA ILHA DO CORVO



expedição científica 17





PARTICIPANTES

MEMBROS DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Professor Catedrático

Doutor ANTÓNIO MANUEL DE FRIAS MARTINS

Investigador Coordenador

Doutor JOÃO ANTÓNIO CÂNDIDO TAVARES

Professora Associada

Doutora MARIA MANUELA LIMA

Investigadora Auxiliar

Doutora MARIA LUÍSA OLIVEIRA

Professores Auxiliares

Doutora ANA CRISTINA RICARDO COSTA
Doutor JOÃO CARLOS NUNES
Doutor JOÃO MORA PORTEIRO
Doutor LUÍS DIAS E SILVA
Doutora MARIA AMÉLIA FONSECA
Doutora MARIA DA ANUNCIAÇÃO VENTURA
Doutora MARIA FÁTIMA MEDEIROS
Doutora MARIA GRACIETE BELO MACIEL
Doutora MARIA JOÃO PEREIRA
Doutora MÓNICA MARIA TAVARES DE MOURA
Doutora REGINA TRISTÃO DA CUNHA
Doutora ZILDA MELO FRANÇA

Assistente do Segundo Triénio

Licenciado TIMOTHY FRANCISCO LIMA

Funcionários/Agentes

Doutor VIRGÍLIO FERNANDO VIEIRA
Licenciada ANDREIA BRAZÃO ANTUNES CARDOSO DA CUNHA
Licenciada EVA MELO CUNHA DE ALMEIDA LIMA
Licenciada SARA MARIA TEIXEIRA DE MEDEIROS
Licenciada VERA LÚCIA FERREIRA MALHÃO
Engenheiro Técnico DUARTE SOARES FURTADO
Técnico Profissional JOÃO MANUEL MEDEIROS BRUM
Técnico Profissional PAULO JORGE MELO
Técnico Profissional ROBERTO RESENDES
Técnica Profissional SANDRA CARMÉM MEDEIROS MONTEIRO
Técnico de Laboratório RUI PAULO COSTA MESTRE
Técnico ANDRÉ MAGALHÃES DE SOUSA SANTOS
Operador de Meios Audiovisuais EMANUEL PACHECO
Operador de Reprografia TOMAZ CARVALHO DE SOUSA
Assistente Administrativa Especialista CONCEIÇÃO VIEIRA
Motorista JOSÉ ALFREDO DE SOUSA VIEIRA
Motorista JOSÉ FARIAS VIVEIROS
Motorista JOSÉ MANUEL TAVARES





Boiseiros de Pós-Doutoramento

Doutor RAFAEL MONTIEL DUARTE
Doutor YOU JIN HÃO
Doutor NATESAN BALASUBRAMANIAN
Doutora PAULA CRISTINA BARBOSA AGUIAR
Doutor YAHYA DAHMANI

Boiseiros de Doutoramento

Licenciada ANA JUDITE LOPES ALBANO BRAZ DUARTE
Licenciado DUARTE TOUBARRO
Licenciada JOANA MICAEL PEREIRA
Licenciada MARIA DA CONCEIÇÃO BETTENCOURT
Licenciado PEDRO RAPOSEIRO

Boiseiros de Investigação

Mestre LUÍS FILIPE DAS NEVES CUNHA
Mestre MARIA ANA MANSO DIONÍSIO
Mestre PAULO CUSTÓDIO PIRES ANTUNES
Licenciada GISELA NASCIMENTO
Licenciada MÓNICA CRISTINA MARTINS
Licenciada PATRÍCIA GOMES MADEIRA
Licenciado PEDRO RODRIGUES

Alunos de Mestrado

Licenciado JOSÉ CARLOS MONIZ VIEIRA
Licenciada MARGARIDA AFONSO SANCHES VEIGA
Licenciada SANDRA CRISTINA LOPES ALBANO DUARTE

Alunos de Licenciatura

ANA CRISTINA FURTADO REBELO
ANA MARIA PALMERO PALMERO (Erasmus)
ANDRÉ REBELO MEDEIROS
BRUNO MIGUEL MENESES GONÇALVES
CÁTIA SOFIA ALVES GOUVEIA
CIDALINA DO CARMO LOPES GOMES
CLÁUDIA LUÍSA SALVADOR HIPÓLITO LOPES
CRISTINA MARQUES SILVA
JOÃO CLÁUDIO CABRAL RAMOS
MANUEL MARIA BOTELHO DE GUSMÃO SARREIRA
PAULO MIGUEL COSTA
RAFAEL FABRÍCIO GOMES NUNES
RAFAEL SOUSA ARRUDA
RAQUEL GONÇALVES MENDES
RICARDO GAMBOA GIL DUARTE FERREIRA

MEMBROS DE OUTRAS INSTITUIÇÕES

Docentes

Doutor IAN DODKINS
Mestre MARIA DE FÁTIMA ROSA LOPES
Licenciada ELISABETE DA GLÓRIA GASPAS SANTOS
Licenciada GRAÇA MARIA DOMINGUES MORGADO
Licenciada MARIA HELENA SOARES DE SOUSA
Licenciada MARIA MANUELA VERÍSSIMO
Licenciada MARLENE DE FREITAS NOIA
Licenciada ROSA MARIA LOBATO MARTINS





Técnicos Superiores

Licenciado CARLOS MEDEIROS
Licenciado JOÃO JOSÉ SOARES DO AMARAL
Licenciado PAULO MACIEL AMARAL
Licenciado SÉRGIO PAULO MARTINS ALMEIDA

Foto-jornalista

PEDRO MIGUEL MONTEIRO

Alunos do Ensino Secundário

ANDREIA SOFIA LIMA
ANDREIA TAVARES DOS SANTOS
ANTONY DIONÍSIO SOARES
BATISTE EMMANUEL PARENTE ENES
BRUNA SILVA ESTRELA
CARLA MANUELA PIRES ESTEVES
CARLOS ANDRÉ RIBEIRO AFONSO
DANIEL JOSÉ AUGUSTO LAGOA
DIANA RAQUEL RODRIGUES DANTAS
DIANA VERÍSSIMO RODRIGUES
HUGO ANDRÉ ALVES AFONSO
HUGO GOMES PEREIRA
INÉS RUFINO SILVA
JOÃO PAULO ESTRELA NABEIRA
JORGE MIGUEL FERNANDES PARENTE
KEVIN SILVA PEDRO
LUCIE DOMINGUES DE SOUSA
MAGDA RITA FERREIRA DURÃES
MARIA ALEXANDRA LOPES NOGUEIRA
MARINA ELISABETE DA SILVA RODRIGUES
PATRÍCIA MARTO LISBOA
RUI MELO
SAMUEL ALVES
VILMA SOFIA DOMINGUES SALGADO

Colaboradores/Encarregados de Educação

ARMINDA MARIA SILVA LISBOA
MARIA VIRGINIA MARTO SILVA
VITOR MANUEL DA SILVA CARPALHOSO





PLANO DAS DESLOCAÇÕES À ILHA DO CORVO

Nome:	Dias (Julho)					
	18	19	20	21	22	23
ANA CRISTINA FURTADO REBELO						
ANA JUDITE LOPES ALBANO BRAZ DUARTE						
ANDRÉ MAGALHÃES DE SOUSA SANTOS						
ANDREIA SOFIA LIMA						
ANDREIA TAVARES DOS SANTOS						
ANTONY DIONISIO SOARES						
ARMINDA MARIA MARTO DA SILVA LISBOA						
BATISTE EMMANUEL PARENTE ENES						
BEATRIZ BERNARDO LAZARO						
BRUNA SILVA ESTRELA						
CARLA MANUELA PIRES ESTEVES						
CARLOS ANDRÉ RIBEIRO AFONSO						
CARLOS FERNANDO RODRIGUES MEDEIROS						
CÁTIA SOFIA ALVES GOUVEIA						
CIDALINA DO CARMO LOPES GOMES						
CRISTINA MARQUES SILVA						
DANIEL JOSÉ AUGUSTO LAGOA						
DIANA RAQUEL RODRIGUES DANTAS						
DIANA VERÍSSIMO RODRIGUES						
DUARTE MANUEL DO COUTO SOARES FURTADO						
DUARTE TOUBARRO						
EMANUEL PACHECO						
GISELA NASCIMENTO						
GRAÇA MARIA MORGADO						
HUGO ANDRÉ ALVES AFONSO						
HUGO GOMES PEREIRA						
INÊS RUFINO SILVA						
JOÃO ANTÓNIO CÂNDIDO TAVARES						
JOÃO CLÁUDIO CABRAL RAMOS						
JOÃO JOSÉ SOARES DO AMARAL						
JOÃO MANUEL MEDEIROS BRUM						
JOÃO PAULO ESTRELA NABEIRO						





flores e corvo 2007

projecto

Nome:	Dias (Julho)					
	18	19	20	21	22	23
JORGE MIGUEL FERNANDES PARENTE				■		
JOSÉ ALFREDO DE SOUSA VIEIRA					■	
JOSÉ CARLOS MONIZ VIEIRA						■
JOSÉ MANUEL FARIAS VIVEIROS				■		
JOSÉ TAVARES					■	
KEVIN SILVA PEDRO	■					
LUCIE DOMINGUES DE SOUSA	■					
LUÍS FILIPE DIAS E SILVA						■
MAGDA RITA FERREIRA DURÃES				■		
MANUEL MARIA BOTELHO DE GUSMÃO SARREIRA						■
MARGARIDA AFONSO SANCHES VEIGA					■	
MARIA ALEXANDRA LOPES NOGUEIRA	■					
MARIA AMÉLIA O. G. FONSECA					■	
MARIA DA ANUNCIÇÃO M. VENTURA		■				
MARIA DA CONCEIÇÃO FÉLIX BETTENCOURT			■			
MARIA DA CONCEIÇÃO PIMENTEL VIEIRA				■		
MARIA DE FÁTIMA DO COUTO MELO MEDEIROS					■	
MARIA DE FÁTIMA ROSA LOPES	■					
MARIA GRACIETE BELO MACIEL	■					
MARIA JOÃO BORNES TEIXEIRA PEREIRA	■	■	■	■	■	■
MARIA LUÍSA DE MELO OLIVEIRA				■		
MARIA MANUELA DE MEDEIROS LIMA			■			
MARIA MANUELA OLIVEIRA VERÍSSIMO						
MARIA VIRGINIA MARTO SILVA	■					
MARINA ELISABETE DA SILVA RODRIGUES	■	■				
MÓNICA CRISTINA MARTINS	■					
MÓNICA MARIA TAVARES DE MOURA						
NATESAN BALASUBRAMANIAN		■				
PATRÍCIA MADEIRA						■
PATRÍCIA MARTO LISBOA	■					
PAULO JORGE COUTO DE LEITE MELO	■					■
PAULO MACIEL AMARAL	■					
PAULO MIGUEL COSTA						■
PEDRO MIGUEL DA SILVA MONTEIRO				■		
PEDRO RAPOSEIRO						
PEDRO RODRIGUES						

expedição científica





flores e corvo 2007

projecto

Nome:	Dias (Julho)					
	18	19	20	21	22	23
RAFAEL ALEXANDRE T. F. SOUSA ARRUDA	[Black]					
RAFAEL FABRÍCIO GOMES NUNES	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
RAFAEL MONTEIL DUARTE	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
RAQUEL GONÇALVES MENDES	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
REGINA TRISTÃO DA CUNHA	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
RICARDO GAMBOA GIL DUARTE FERREIRA	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
ROBERTO RESENDES	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
ROSA MARIA LOBATO MARTINS	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
RUI MELO	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
SAMUEL ALVES	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
SANDRA CRISTINA LOPES ALBANO B. DUARTE	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
SÉRGIO PAULO MARTINS ALMEIDA	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
TIMOTHY FRANCISCO LIMA	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
TOMÁS SOUSA	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
VILMA SOFIA DOMINGUES SALGADO	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
VIRGÍLIO FERNANDO FERREIRA VIEIRA	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
VÍTOR MANUEL DA SILVA CARPALHOSO	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]
YOU JIN HAO	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]	[Black]





MAPA DE TRABALHOS COM OS GRUPOS DO ENSINO SECUNDÁRIO

Grupo	Dia	18		19		20		21		22		23		24	
		M	T	M	T	M	T	M	T	M	T	M	T	M	T
A	Ilha	Corvo	Livre	Flores	Flores	Flores	Flores	Flores	Flores	Flores	Flores	Flores	Flores	Livre	Livre
	Equipa	MJ	MJ	JT	LS	RC	RC	AV	FM	RM	AC	ML	ML		
B	Ilha	Flores	Flores	Corvo	Livre	Flores	Livre	Flores	Flores	Livre	Flores	Flores	Flores	Livre	Livre
	Equipa	RM	AC	MJ		LS		AV	FM		RC	ML	JT		
C	Ilha	Flores	Flores	Flores	Flores	Corvo	Livre	Flores	Livre	Flores	Flores	Flores	Flores	Livre	Livre
	Equipa	RM	AC	JT	LS	MJ		FM		RC	RC	ML	ML	AV	
D	Ilha	Flores	Flores	Livre	Livre	Flores	Livre	Corvo	Livre	Flores	Flores	Flores	Flores	Livre	Livre
	Equipa	RC	FM			LS		MJ		RM	AC	ML	JT	AV	

Equipa:	JT = João Tavares	FM = Fátima Medeiros
	AC = Ana Cristina Costa	LS = Luís Silva
	RM = Rafael Montiel	AV = Anunciação Ventura
	MJ = Maria João Pereira	ML = Manuella Lima
	RC = Regina Cunha	

M = manhã
T = tarde



INFORMAÇÕES DE INTERESSE GERAL

VIAGEM

A viagem de ida e volta às Flores [porto das Lajes das Flores] está assim estipulada:

día	data	origem	destino	partida	chegada
Segunda	16 Julho 2007	<i>Ponta Delgada</i>	Praia da Vitória	<i>08H00m</i>	13H30m
"	"	Praia da Vitória	<i>Horta</i>	14H30m	<i>19H45m</i>
Terça	17 Julho 2007	Horta	São Roque	08H00m	09H10m
"	"	São Roque	Velas	10H10m	11H00m
"	"	Velas	Horta	12H00m	13H40m
"	"	<i>Horta</i>	<i>Flores</i>	<i>14H40m</i>	<i>23H00m</i>
Quarta	25 Julho 2007	<i>Flores</i>	Horta	<i>08H00m</i>	16H20m
"	"	Horta	São Roque	17H20m	18H30m
"	"	São Roque	<i>Velas</i>	19H30m	<i>20H20m</i>
Quinta	26 Julho 2007	<i>Velas</i>	Praia da Vitória	<i>08H00m</i>	12H15m
"	"	Praia da Vitória	<i>Ponta Delgada</i>	15H30m	<i>21H00m</i>

NOTA - chama-se a atenção para as paragens nocturnas: na ida, na cidade da Horta e na volta, na Vila das Velas

ALOJAMENTO

Os expedicionários ficarão preferencialmente instalados em tendas de campismo. Porém, de acordo com as disponibilidades existentes, poderão igualmente pernoitar no interior das antigas instalações do hotel SITURFLOR. Recomenda-se o uso pessoal de material de higiene e limpeza, assim como o de de saco-cama.

ALIMENTAÇÃO

Será entregue aos expedicionários uma senha individual destinada à reserva das refeições, que deverá ser entregue *até às 10H00m do dia anterior* no Secretariado da Expedição [Assistente Administrativa Especialista CONCEIÇÃO VIEIRA]. *Nos casos em que requereu e não compareceu, ser-lhe-á debitado o valor da refeição.*

Estão previstas recepções oficiais seguidas de jantar nas sedes das autarquias visitadas, que serão atempadamente anunciadas.

LABORATÓRIOS

Na zona do acampamento haverá um local para apoio às práticas laboratoriais. Igualmente poderão utilizar o pequeno espaço da Ecoteca das Flores.

COMUNICAÇÕES

Os expedicionários têm à disposição os serviços de Internet da Ecoteca das Flores e da Associação de Jovens das Flores "Clube Informático de Santa Cruz das Flores", sítios ao Bairro dos Franceses. Na Ilha do Corvo poderão utilizar os mesmos serviços na Escola B/I "Mousinho da Silveira".





DESLOCAÇÕES

As deslocações à ilha do Corvo estão programadas (ver página 21) mas poderão sofrer alterações devido às condições meteorológicas.

CONFERÊNCIAS

O ciclo de conferências organizado no âmbito deste evento, com o apoio de várias Instituições, apresentado na página 14, está aberto à participação do público em geral e de um modo particular aos expedicionários.

FOTO - VIDEO REPORTAGEM

Os responsáveis das equipas deverão agendar as deslocações dos técnicos com o Operador de Meios Audiovisuais EMANUEL PACHECO.



26

CONTACTOS ÚTEIS

Para contactos imprescindíveis e urgentes com os membros da Comissão Organizadora, deverão utilizar os seguintes números:

Engenheiro Técnico DUARTE SOARES FURTADO	96.8957055
Assistente Administrativa Especialista CONCEIÇÃO VIEIRA	96.9499244
Investigador Coordenador JOÃO TAVARES	96.1094899





NOTA SOBRE A ILHA DAS FLORES

Está situada a 133 milhas a noroeste do Faial. A sua área é de 164 quilómetros quadrados, tem 40 quilómetros de comprimento e 15 de largura.



Tem 6.720 habitantes e dois conselhos, cujas sedes são: as vilas de **Santa Cruz** e das **Lagens**, respectivamente e a sueste da ilha. Esta é bastante acidentada. A parte mais alta é o Morro Grande (941 metros), que fica próximo de uma caldeira – a Água Branca. – Tem várias ribeiras, com quedas de água e lagoas, no fundo das caldeiras (antigas crateras). A sua costa é alta e escarpada. São excelentes as suas pastagens e afamados os seus lacticínios, especialmente a manteiga.

In: Almanaque Popular dos Açores, 1950.
Direcção Literária do Dr. Carreiro da Costa.

NOTA SOBRE A ILHA DO CORVO

É a mais pequena ilha do arquipélago, a 15 milhas ao norte das Flores.

Tem 660 habitantes com 142 fogos. A sua área é de 17 quilómetros quadrados, tendo 5 quilómetros e meio de comprimento e 2 de largura.

Por estar separada das Flores e serem difíceis as comunicações durante a maior parte do ano, constitui-se o conselho de **Vila Nova do Corvo**, única povoação da pequena ilha. O seu ponto mais notável é a sua **caldeira** ou **caldeirão**. Os corvinos são bons marinheiros e emigram para a América do Norte.



In: Almanaque Popular dos Açores, 1950.
Direcção Literária do Dr. Carreiro da Costa.





A ILHA QUE DÁ DE BEBER AO MAR

As Flores são um jardim. Os seus campos dividem-se com flores – as hortênsias, que são «pingos de céu e mar» a dulcificar o dorso rijo das montanhas e o verde das colinas. Nesse perpétuo enleio, nascido do amor das flores e das névoas, das montanhas e do mar, viu a luz um grande poeta que o insigne Campos Monteiro revelou aos continentais – e aos próprios açoreanos (!), descritos de si mesmos... Foi Roberto de Mesquita, talvez o maior poeta dos Açores, depois de Antero. Ninguém como ele transplantou para a alma as paisagens anuviadas e as infinitas variações de luz observadas na sua pequena ilha, tão farta de flores que dá perfume ao arquipélago, e tão farta de águas que dá de beber ao mar...

Das costas das Flores despenham-se intérminos caudais de prata que o Oceano sorve sequioso...

Os «florentinos» – é assim que se chamam os florenses – são almas francas, são empreendedores, e podem correr meio mundo... Mas um dia, vem a saudade: Meia volta... E ei-los de regresso ao lar, aquele lar de olhos amigos que nos fita na partida, e que Roberto de Mesquita cantou nestes versos que calam bem na alma açoreana que retratam:

Por loucos sonhos juvenis levado
Um dia por meu mal,
Abandonei meu lar idolatrado
E o meu país natal.

Entre searas verdes e viçosas
De frente para o mar,
As janelas, fitando-me saudosas,
Como humano olhar...

Num gracioso bergantim ligeiro
De velas enfunadas,
Parti em busca [ingénua aventureiro!]
De terras encantadas...

Parti, sofri no pélagos inconstante,
Trabalhos, vendavais;
Contemplei as «feeries» do levante
E os gelos boreais.

Mas quando ao largo a embarcação se fez,
Veloz como uma asa,
Vi branquejar ao longe, ainda uma vez,
A minha pobre casa.

Mas nunca em minha mente se delui
Esse momento amargo,
Em que, de pé na tolda do navio,
Fazendo-me ao mar largo,

Lá longe, nos campos viridentes,
Essas janelas tristes descobria,
Como dois grandes olhos conscientes
Dizendo adeus ao barco que fugia.

Padre Deniz da Luz

In: Almanaque Popular dos Açores, 1951. Direcção Literária do Dr. Carreiro da Costa.





A ILHA DAS FLORES HÁ 300 ANOS

Assim descreveu no meado do século XVII a Ilha das Flores da sua naturalidade, nos legou a curiosa crónica «Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores» ainda inédita:

«Como Nosso Senhor pôs esta ilha (das Flores) tão afastada e longe da vizinhança das outras, fê-la tam abundante das cousas necessárias para a vida humana, que de si tem bastantemente o que lhe é necessário, porque dá muito e bom trigo e toda a sorte de legumes e muita excelente junca e mui grada, maior e melhor do que de todas as ilhas e grandes lavouras e campinas de cocais (inhames) tão bons e melhores do que os do Faial com que engordam os animais de que não pagam dizimo. Toda, por seu sertão, dos bardos do Concelho para cima, que distam 500 braças da rocha do mar para o sertão, que é o comprimento, que se deu a cada uma das datas, são livres para todos criarem seus gados, sem obrigação de pagarem nem um alqueire de renda ao Capitão nem ao Concelho. Seus matos do mesmo modo, corta cada qual a madeira que quer sem pedir licença a nenhuma pessoa, porque por postura da Câmara, ficou todo o remanescente da ilha, do distrito.... para cima, livre ao povo.

«Há na parte de Santa Cruz, acima da Vila, onde se diz a Pedra da Faia, uma mina de barro tão alvo como cal, a que na ilha chamam *cré* que desengraxia (sic) os panos e tira qualquer nódoa de azeite deles, como se fosse sabão e pega como cal e se põe em parte aonde não dá chuva, parece o reboque tão bem como se fosse de cal.



«Vindo para baixo, em uma grota que fica entre umas terras, que se dizem os Vales em outras que dizem o *Pampinhal*, está uma mina de almagra, tão fina e vermelha como se fosse boa grã, que dá excelente cor vermelha. Da banda das Lages, no caminho que vai para a Fajã dos Valadões, há outra mina de uma massa negra que se faz ao feitio da pedra de anil que dá tão boa tinta para escrever, preta, como o anil a dá azul.





flores e corvo 2007

projecto

«Tem toda a sorte de bom barro, assim para panelas como para telha e todos mais vasos, que dele querem fazer. Muitas e boas frutas silvestres e em muita quantidade como são árvores de silvas de mato e que lá chamam *silvas mansas* (por não terem tantos picões, como estas que vieram do Reino, para estas ilhas, as quais naquela Ilha chamam *silvas bravas* e não fazem caso do fruto) que são tão grandes como de amoreiras e maiores e tão bom e melhor sabor e quando maduras são de cor negra e quanto mais negra mais perfeita. E perinhos dos cedros, vermelhos e esverdeados, que são do tamanho de grão de junca e de muito bom sabor e mui quentes; tem dentro uns carocinhos, como grãos de uvas que partidos com o dente deitam o mesmo sabor. Muita e grada romania e todo o género de fruta de espinho, e eu vi cidreira carregada de muitos pomos e alguns tamanhos como jarrinha de cinco quartilhos e por ser arvorezinha nova estava ela toda em roda espequeada, em que ela se sustentava para os poder ter.



«Tem muita baga de louro de que faz muito e bom azeite; todo o género de caça excepto perdizes e no mar toda a sorte e género de mariscos, e em muita abundância sendo o mais principal de cracas, que se dão em pedras de tufo, de que colhem muitas e mui grandes sem as quebrarem... É de muito bons ares, mui delgados e as águas excelentíssimas e mui leves à escolha e pôr-lhes o dedo... E em tempo em que me criei... não havia pobre que pedisse esmola pelas portas, porque todos tem o seu modo de viver e criação de porcos, ovelhas e vacas, sendo a maior criação a das ovelhas, porque se vestem das suas lãs...»

In: Almanaque Popular dos Açores, 1950. Direcção Literária do Dr. Carreiro da Costa.

expedição científica





A ILHA DAS FLORES

"Demora a ilha das Flores ao Nordeste da ilha do Fayal, da qual dista boas 40 leguas, é quasi rotunda como a ilha Terceira e maior aue ella, corre o mais comprido Norte e Sul, e faz muitas pontas ao mar das quaes para dentro faz boas e largas bahias, sendo as mais principais a do porto da Amoreira e do Calhau da Ribeira da Cruz, aonde eu vi ancorada a armada do Conde Essex, que era de 160 vélas no anno de 1597, e podiam entre ellas ancorar outras duas tantas.

Entre estas duas bahias fica a vila de Santa Cruz, ao pé d'um alto monte, que a ilha ahi faz, que no tempo em que criei n'ella servia de monte Calvário, e com muito (sic) propriedade acho que eu hoje ser-lhe posto o nome porque a parte d'onde estavam as



cruzes remata sua ladeira, que é muito íngreme com um rochedo algum tanto alto, armado pela natureza de pedra tosca, que conforme a lição dos livros se me assemelha muito ao monte Calvário.

É esta ilha muito alterosa e montuosa, e de todas as partes do mar vae sempre subindo em picos, várzeas, ribeiras e rochedos para o

sertão, e do meio d'ella acima, d'onde se diz o Pico da Sé (que fica à banda de Santa Cruz) faz o mais alto de toda ella, que é um campo que chamam o **Escalvado**, de muitos e bons pastos, de gramma, e outras ervas, em que o gado anda em tempo de verão, e por esta parte linha direita Leste e Oeste, fende a ilha pelo meio, e faz o mais largo d'ella, que é de três boas léguas para cima, e quasi toda por este sertão tem quasi a mesma largura.

Toda ella, assim no sertão como pela costa do mar, é um chafariz perenne de agua, porque não andarão 20 passos, assim pela costa como pelo sertão que não dêem em ribeiras, regatos e fontes de agua, e assim que a agua, que a natureza negou a muitas





flores e corvo 2007

projecto

das outras ilhas superabundou n'aquella, porque dizem tem dentro de si 362 ribeiras, e que tantas se mandaram por lista ao conde de Santa Cruz sendo capitão d'ella, que por grandeza o quis mostrar em Lisboa, o que não duvido contando-as pelo serro e sertão aonde ellas nascem e se ajuntam a outras por cuja bôcca entram no mar, e há ribeira a



que se ajuntam mais de 30, e rara é a que não se ajunta com outras tantas que as que entram no mar que são não só ribeiras mas algumas d'ellas rios caudalosos, e que tem seus nomes particulares são 41 por mim bem contados, e tão distantes em roda da ilha umas das outras que se cahiram todas de alto como algumas cahem ficavam saindo da ilha com tanto concerto como bicas de agua de chafariz.

O melhor porto que tem esta ilha é a barra da villa de Santa Cruz, da qual sae a primeira rua da villa. Para a banda do Sul, em distância de tiro de bombardas, fica outro porto, a que chamaram Poças, por ser poção morto entre baixio, em que não abicam as embarcações, do qual sae outra rua, que é a ultima da villa, dentro das quaes, pelo cimo da rocha, até o pé do monte atraz dito, com suas ruas cruzadas fica a villa muito bem assentada, servindo-se d'estes dois portos e de outro que fica ao norte da barra, a que chamam Porto Velho, por ser, parece, o primeiro de que usam, antes de ter dado na barra, que entra por entre dois penedos muito altos fora do mar mas não em muita largura, mas de alto fundo, e qualquer embarcação de alto bordo por entrar por elle, como são caravelas de Atouguia, e outros d'este talho que eu vi entrar, e do mesmo modo no porto que se diz das Poças."

Frei Diogo das Chagas

Espelho Chrystallino em Jardim de varias flores
In: Archivo dos Açores, vol. XIII, 319-321.

expedição científica

32





A CAÇA À BALEIA NAS FLORES

Ao baleeiro das Flores – pioneiro, nos Açores, da caça à baleia com armações costeiras e destemido tripulante (capitão, que vários foram, arpoador ou simples moço de bordo) das barcas norte-americanas que cruzaram os Sete Mares, das costas de África ao Brasil e à Austrália, do Cabo Horn a St. John's.

24 de Novembro de 1981. A norte das Flores – “já para além do Corvo”, lembra um dos marinheiros -, o bote do oficial José Jacinto Mendonça Furtado arpoava aquela que seria a última baleia capturada pelos florentinos. A estimativa, sendo embora apenas isso, não é totalmente destituída: com sucesso, o arpoão, desta vez arremessado por Francisco Almeida, trancava a baleia número dois mil e tantos, em cento e vinte anos de baleação nas Flores.

A crise, vinha-se já sentindo, de há anos, a indústria baleeira açoriana em geral, que cada vez mais encontrava acrescidas dificuldades na colocação dos óleos. Nas Flores,



porém, a situação apresentava-se ainda mais complicada: os baleeiros eram cada vez menos, como menor era também, de dia para dia, a população, que decrescia de 44,4% nos últimos 30 anos e 34% desde 1960, e a paragem que a actividade conheceu no biénio 1977-78, relacionada, em grande medida, com o mau resultado obtido em 1976, ano em que capturaram apenas duas baleias, pronunciava claramente um fim demasiado próximo. E esse fim veio, ao entardecer daquele 24 de Novembro.

de 1856. Quatro anos depois, era arpoada, finalmente, uma baleia – e aí começa, nas Flores, a história da baleação costeira.

À primeira armação, outras bem cedo, se lhe seguem, sendo sabido já existirem três em Dezembro de 1864. Não necessariamente por ordem cronológica, com omissões compreensivas, aqui ficam os nomes de alguns desses armadores: José Constantino da Silveira e Almeida, que foi o primeiro, André da Conceição Freitas, José Furtado Borrego, Brás Teodoro da Costa Júnior, António Luís de Mendonça, Francisco António da Silveira, António Maria da Silveira, cap. António Ignácio Bicho e herdeiros, Francisco Rodrigues Gomes, Estulano Augusto Bicho Flores, Maurício António Fraga, Empresa de Pesca da Baleia Esperança, Lda. Reis & Flores, António Caetano Serpa, Francisco Azevedo Nunes e,





por último, a União das Armações Baleeiras das Flores e Corvo, cujo Pacto Social foi instituído em Março de 1955.

A quem, como nós, tem de baleias e baleação um conhecimento sobretudo livresco, de quem nunca "foi à baleia", surpreende e cativa a atitude dos nossos marinheiros perante aqueles enormes mamíferos, tanto mais que a luta é sempre travada num meio adverso ao homem. Mas o defeito é nosso, que nos deixamos impressionar por relatos fantásticos, por vezes mesmo inverossímeis, que tendem a fazer regra de casas isoladas. É disto exemplo a adjectivação que do cachalote fez uma artigo inserto na imprensa do Faial⁽¹⁾, em 1857, que, apelidando-o de "terror de todos os peixes e tigres dos mares", o considera muito mais terrível que a baleia "pela crueldade e despotismo com que reina no mar, espalhando por toda a parte por onde passa a carnagem e a devastação". A própria Bíblia, da qual todos nós, por certo, já lemos ou escutámos algumas passagens, fala-nos de uma baleia que engoliu o profeta Jonas, vomitando-o, são e salvo, três dias mais tarde, Richard Strafford, já em 1668, alude ao cachalote como sendo de grande ferocidade e de fulminante agilidade, e, ao lermos "Moby Dick", ainda em criança, atemorizou-nos deveras o relato de capitão Peleg, quando narra como uma das pernas do capitão Ahab "foi devorada, mastigada, pulverizada pela mais monstruosa baleia que jamais despedaçou um barco". E à memória, depois, a especçar mais esses medos, vêm-nos, ainda, os quatro acidentes mortais aqui ocorridos este século, que vitimaram os marinheiros José Inácio de Lima (5/4/1943), José Inácio de Fraga (27/7/1955), António José Gomes (6/9/1955) e Luís Soares de Melo (3/8/1972).

Em regra, é outra, porém, a opinião do baleeeiro. "Não! Não, o cachalote, coitadinho, não é agressivo" – afirma peremptório, João Gomes Vieira ⁽²⁾, oficial baleeeiro de todos nós conhecido. E continua ele, com experiência e saber de 60 anos de caça à baleia: "É grande, muito grande a sua massa imponente é que é uma ameaça ao estrebuchar quando o atacamos. O que ele quer é fugir de nós e, na fuga, atira-se cegamente contra tudo o que estiver na frente".

Gente corajosa, esta!

Os dois primeiros botes, escreve Jacob Tomaz, sem citar embora a fonte, terão sido entregues ao comando de Marcos José Teixeira e António Jacinto Armas, provavelmente pouco – mesmo nada – experimentados na arte. A não ser que tivessem andado embarcados, de onde a poderiam ter, de resto, se a caça à baleia com armações costeiras ensaiava aqui, na altura, os seus passos nos Açores? E a saga de destemidos e hábeis oficiais, maioritariamente da ilha, como é natural, mas também com o contributo, aqui e além, de um ou outro vindos do Pico e do Faial, encontrará depois continuidade em dezenas de grandes baleeiros. Foram, entre tantos mais, Mariano Soares e Frederico Silveira Rodeiro, Manuel Inácio Manes, Manuel José Caramujo e o filho José Caramujo, Ângelo Brum, José de Fraga, Francisco Silva, João Maurício, Arnaldo Semilhas, Constantino Rodrigues, José de Brum Martiniano, António J. Rodrigues, António Silva, José Inácio Manes, José de Lima, Francisco António Mendonça, João Gomes Vieira, Fernando José Armas, João Silveira Cardoso, João Medeiros Silva, José Jacinto Mendonça Furtado.

Concluído um pouco à pressa, quase sobre o joelho, por bem de ser apresentado na III Festa do Emigrante, que este ano conta com uma exposição baleeira vinda de França, este pequeno e modesto trabalho não responde, como é óbvio, a muitas das perguntas que o leitor por certo haverá de colocar. Não fala, por exemplo, dos nossos botes nem da evolução que os mesmos sofreram – e como são mais belos e esguios que os seus antecessores, outrora comprados na América! -, nem do posto ou do arraial baleeiro,





nem do exercício da caça propriamente dita, nem do que eram as antigas fábricas, se tanto se pode chamar a meia dúzia de caldeiros instalados sob um improvisado toldo. E a isso propositadamente não se refere por a tal não nos sentirmos habilitados. Melhor que nós, outros há, nas Flores, que poderão fazer – melhor dito, que o devem fazer –, porque mais conhecedores da matéria, porque, inclusivamente, nascidos e vividos em famílias ou comunidades de velhas tradições baleeiras.

Nem sequer no aspecto estatístico fomos tão longe quanto o desejaríamos. É que, como saberão alguns, só existem dados disponíveis sobre as capturas posteriores a 1896, o que deixa de fora, no caso das Flores, os primeiros trinta e cinco anos de actividade. E nem as consultas que fizemos às colecções de jornais da época – também elas muito incompletas – se revelaram de grande proveito. De tal sorte que, nos jomais consultados, relativos a oito anos, apenas lográmos identificar 23 capturas.

Para além destes, existem todavia outros aspectos da baleação florentina que conviria estudar. Saberemos nós, por exemplo, qual o tamanho médio dos animais aqui capturados? E onde eram mais frequentes essas capturas? E qual a relação macho-fêmea dos cetáceos mortos?

O universo estatístico que estudamos (1959-73) é pequeno, mas talvez sejam possíveis algumas conclusões. Assim, em 14 anos considerados, verifica-se que o tamanho médio dos animais capturados ronda os 13,05 metros. Será curioso notar, no entanto, um



agrupar, por anos consecutivos, de dimensões muito semelhantes – médias da ordem dos 12 metros nos 3 primeiros anos observados, de 13 metros nos outros quatro anos, de 14 metros nos três seguintes, de 12 metros no outro imediato, de 13 metros em mais 2 consecutivos.





Quanto à direcção das arriadas – e a análise abrangeu as 122 saídas que os baleeiros das Flores efectuaram entre 1970 e 1973 –, observa-se que a esmagadora maioria (96) ocorreu frente à meia costa da ilha voltada a leste, sensivelmente delimitada pelos pontos cardeais norte e sul. Com algum significado, surgem depois, com 15 arriadas, os mares da Fajã Grande, na costa oeste. É possível, porém, que essa maior frequência de arriadas na costa leste tenha mais a ver com uma melhor cobertura do mar pelos postos de vigia (Lajes, Fazenda, Santa Cruz e o próprio Corvo) do que propriamente com o sentido em que os cetáceos cruzam estas águas. Numa coisa, todavia, são concordantes os marinheiros – as baleias que aparecem na ilha, vindas de sul, são, em regra, mais esquivas e difíceis. E rematam, em jeito de explicação: "Já viram madeira!". Uma forma curiosa de dizer que dias antes, no Faial ou no Pico, já haviam sido perseguidas pelas canoas locais.

DO APOGEU ... AO OCASO

A caminhada que levaria ao apogeu da caça à baleia nas Flores começa a desenhar-se aí por volta de 1937, ano em que foram capturados 47 cetáceos, contra os 10,4 que, em média, proporcionara anualmente o último decénio. Com 3-4 anos de atraso, reacendia-se pois na ilha, por simpatia, o crescente apetite internacional pela actividade, que atirara o total mundial de capturas de meia dúzia de centenas de animais no princípio dos anos trinta para 2481 em 1935, 5068 em 1936 e 7393 em 1937.

Dois acontecimentos, já na década de quarenta, encarregaram-se então de consolidar em definitivo nas Flores a revitalização da actividade – referimo-nos, primeiramente, à fábrica destinada ao aproveitamento do óleo de baleia e preparação de guanos, mandada construir pelo industrial Francisco Marcelino dos Reis, de Lisboa, representado na ilha por José Jacinto Mendonça Flores, e, depois, à valorização que no pós-guerra conheceram os óleos, quase triplicando de preço no mercado local.

Grosso modo, a história da fábrica do Boqueirão, em Santa Cruz, reconstitui-se, com alguma facilidade, a partir da consulta da colecção do jomal local "As Flores". E são, de resto, inteiramente compreensíveis essas múltiplas referências ao empreendimento. A obra era, em boa verdade, de vulto – "grande fábrica", chamava-lhe usualmente o periódico em questão –, e ao projecto, carregado de esperança nos olhos de muitas famílias florentinas, estava ainda associada a intenção de construir uma "outra fábrica de conserva de peixe e de uma central eléctrica na Fazenda" ⁽²⁸⁾ daquela vila.

Os primeiros trabalhos – "os serviços do quebrar de pedra..." ⁽²⁹⁾ – terão começado em Outubro de 1941, e em Maio do ano seguinte são descarregadas na ilha as primeiras quatro toneladas de material destinado ao empreendimento, a que se seguiram, nos vapores de Junho e de Julho, novos desembarques. Através da imprensa, sabe-se também que em Novembro de 1942 já estavam "muito adiantadas as obras de construção do grande edifício para aproveitamento de óleo de baleia, guanos, etc.", e que, em Março de 1943, chegou às Flores o mecânico Alfredo Viegas, com a missão de "proceder à montagem dos maquinismos da fábrica". O início da laboração ocorreu no verão de 1944, possivelmente em Julho. A entrada em funcionamento da nova fábrica, que permitia, agora, um melhor aproveitamento do cachalote, com reflexos positivos na rentabilidade daquela indústria, e a subida espectacular entretanto verificada no preço do óleo – no final da II Grande Guerra o óleo vendia-se nas Flores a 12 escudos o quilo, contra os 4 escudos que custava três ou quatro anos antes – despertaram naturalmente na ilha um antigo e latente apetite por botes e armações. É disso exemplo o anúncio



inserto no jornal "As Flores", nas primeiras edições de 1944, no qual um armador independente declarava não pretender vender os seus botes, "sendo portanto escusado



de o procurar para tal fim". Por esta ou aquela razão, o certo é que a armação, com todos os seus pertences, acabaria por ser posta à venda em Maio de 1945. O aumento de capturas verificado no final da década de trinta não deve ser, porém, inteiramente atribuído ao crescimento – que só seria significativo nos anos quarenta – da frota baleeira das Flores. Canoas novas, nos anos trinta, talvez três – o "Bom Pastor", de 1933, resultado da remodelação e ampliação de um velho bote americano, o "Santo Cristo", que foi construído localmente por Francisco Azevedo Nunes e pelo prof. Manuel Silva, tendo sido lançado à água em Junho de 1934, e o "Alcion", concluído em Maio de 1938 por Celestino Amorim de Carvalho. A grande explosão de canoas, que rapidamente duplicaram de número, ocorreria somente no final da II Grande Guerra, quando a firma Reis & Flores, ligada aos proprietários da fábrica do Boqueirão, entra na actividade com duas lanchas – a "Lívia" e a "Olímpia" – e sete botes – o "Maria Virgínia", o "Delfim", o "Maria de Lourdes", o

"Ponta Delgada", hoje exposto no Museu da Marinha (Pavilhão das Galeotas), em Lisboa, o "S. Mateus", o "Alcion" e o "Corvino".

Nunca nas Flores, tantos botes haviam dado caça à baleia. Ao sinal da "Vigia", coalhava-se então o mar de embarcações, saídas dos portos de Santa Cruz, Lajes, Fajã Grande, Corvo, durante algum tempo, também de Ponta Delgada. Eram da Reis & Flores, à qual já nos referimos, eram da firma António Caetano Serpa & Filhos, eram da Sociedade de Pesca de Baleia de Santa Cruz, eram da firma Maurício António Fraga & C^o. Lda., constituída em 1946 com ambiciosos objectivos em áreas tão vastas como o comércio geral e armação baleeira, fábrica de lacticínios e fábricas de extracção de óleo de baleia e de conservas de peixe. Eram os botes já atrás nomeados e eram ainda o "Santo António", o "Maria Isabel", o "Ofélia", o "Espadarte", o "Amélia", o "S. Ruiz", o "Esperança". Gasolinhas? Quem já não ouviu falar ao menos na "Senhora da Ajuda", construída no Pico, na "Ruth", perdida num incêndio em Julho de 1946, e na "Olímpia", vinda de S. Jorge, ou não recorda então o inseparável trio de lanchas, aqui construídas, que formaram, durante tanto tempo, a "Salomé", a "Maria Antónia" e a "Maria Palmira"?

- (1) Jornal o FAYALENSE, de 15.04.1857
 (2) F.P. de Almeida Langhans, in "Ofícios antigos subsistentes nas ilhas dos Açores (Flores e Corvo)", Angra do Heroísmo, 1958, p. 71
 (28) Jornal "As Flores", de 22.05.1943
 (29) Idem, de 25.10.1941

Francisco António N. P. Gomes

In: A caça à baleia nas Flores. 1988. Edição da Câmara Municipal de Lajes das Flores.





ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DAS ILHAS FLORES E CORVO

ILHA DAS FLORES aspectos físicos

A ilha das Flores pertence ao Grupo Ocidental do Arquipélago dos Açores e fica situada entre as Latitudes 39° 31' 29''N (Ponta Delgada) e 39° 22' 16''N (Ponta da Rocha Alta) e as Longitudes 31° 07' 28''W (Stª Cruz) e 31° 16' 08''W (Fajã Grande). Conjuntamente com a ilha do Corvo, ocupa o extremo ocidental dos Açores e da Europa, distando de Santa Maria, a ilha mais oriental do Arquipélago, 650 km, aproximadamente. Com uma área



de 141 km², é a quarta ilha mais pequena, representando 6,1 % da superfície regional (2.322 km²). Tem uma configuração ligeiramente alongada, no sentido Norte-Sul, totalizando cerca de 17 km de comprimento por 12 km de largura, eixos máximos Norte-Sul e Este-Oeste, respectivamente.

A ilha das Flores apresenta grande riqueza e diversidade de belezas naturais, fruto das suas características biofísicas e da forma como o homem se instalou neste território peculiar. Em traços gerais, o relevo da ilha é movimentado, os vales são profundos e bastante encaixados e as arribas costeiras alcantiladas, existindo plataformas costeiras (lávicas e marinhas) desde cedo

ocupadas pela população. Estas particularidades fisiográficas devem-se à constituição e idade dos diversos aparelhos vulcânicos, submetidos que estão a intensa acção erosiva, derivada ao clima agreste, hidrologia complexa e à forte ondulação. A distribuição das altitudes reflecte os aspectos dominantes da paisagem: 66 % da superfície eleva-se a cotas compreendidas entre os 300-800 metros, 33 % abaixo dos 300 metros e 1 % acima dos 800 metros.

Não há registo de erupções vulcânicas históricas no Grupo Ocidental nem mesmo actividade sísmica sentida, devido à posição destas duas ilhas no esquema geodinâmico do Atlântico Norte. A geologia das Flores, com idade superior a 2 MA, resulta da sucessão de produtos vulcânicos e depósitos sedimentares associados à transgressão/regressão do nível médio das águas do mar. As grandes unidades geológicas são o Complexo de Base e o Complexo Superior. O primeiro abrange as formações e estruturas vulcânicas associadas à actividade submarina e emergente





flores e corvo 2007

projecto

enquanto que o segundo inclui as formações e estruturas vulcânicas geradas em ambiente subaéreo, que preenchem a generalidade do corpo insular. Os materiais aflorantes compreendem as escoadas lávicas basálticas e traquíticas que alternam com depósitos piroclásticos de queda (escórias, cinzas e *lappili*). Existem diversos locais onde a geologia dita o surgimento de elementos singulares de grande valor cénico, como é o caso da Rocha dos Bordões.

Em relação à geomorfologia, a ilha das Flores comporta duas regiões distintas: o Maciço Central, que se estende pelo planalto interior até aos flancos adjacentes; a Orla Periférica, representada pelas escarpas, arribas e plataformas costeiras. O Maciço Central é limitado, grosso modo, pelas curvas de nível dos 700-800 metros na parte Norte e dos 500-600 metros na parte Sul. Nesta região interior encontram-se diversas estruturas vulcânicas, algumas bem preservadas. Todo o planalto é pontuado por cones e morros, a par das cristas de basalto formadas pela erosão. A altitude máxima da ilha é registada no Morro Alto (914 metros). É neste domínio que se encontram as lagoas que ocupam crateras vulcânicas de origem hidromagmática (*maars*): as lagoas Funda, Negra, Comprida e Rasa. Com funções vitais para o equilíbrio ecológico da ilha destacam-se neste ambiente as turfeiras de esfagno. O Sítio de Importância Comunitária (SIC) do Planalto Central e Morro Alto integra estas zonas húmidas de elevado interesse conservacionista.

No que se refere à orla costeira, a ilha das Flores é caracterizada por um litoral predominantemente recortado e alcantilado com arribas altas e escarpadas que chegam a ultrapassar os 500 metros na costa Oeste (Rocha do Risco) e os 260 metros de



altura na costa Leste (Cedros). Contudo, na plataforma lávica de Santa Cruz, a arriba não excede os 30 metros de desnível. Nalguns troços, o controlo tectónico (presença de falhas) traduz-se em traçados quase rectilíneos, como se verifica nas costas Norte e Sul. As arribas fósseis, resultantes da conjugação da erosão marinha com movimentos tectónicos verticais, elevam-se em imponentes escarpas

recuadas, como a sobranceira à Fajã Grande e Fajãzinha. Ao longo da costa, que se estende por 71 km, existem baías, pontas e furnas com origem na erosão marinha (Gruta dos Enxaréis e Gruta do Galo, entre outras), numerosas baixas e ilhéus (Ilhéu de Monchique, Ilhéu de Maria Vaz, entre outros), além de pequenas praias de seixos e calhaus rolados. Estes acidentes geomorfológicos constituem o habitat preferencial de diversas espécies de avifauna, algumas com estatuto de protecção, o que levou à criação das Zonas de Protecção Especial (ZPE) da Costa Sul e Sudoeste e da Costa Noroeste.

Os recursos hídricos são muito abundantes nas Flores, com cursos de água permanentes, lagoas e nascentes que brotam dos aquíferos intermédio e superior, algumas captadas

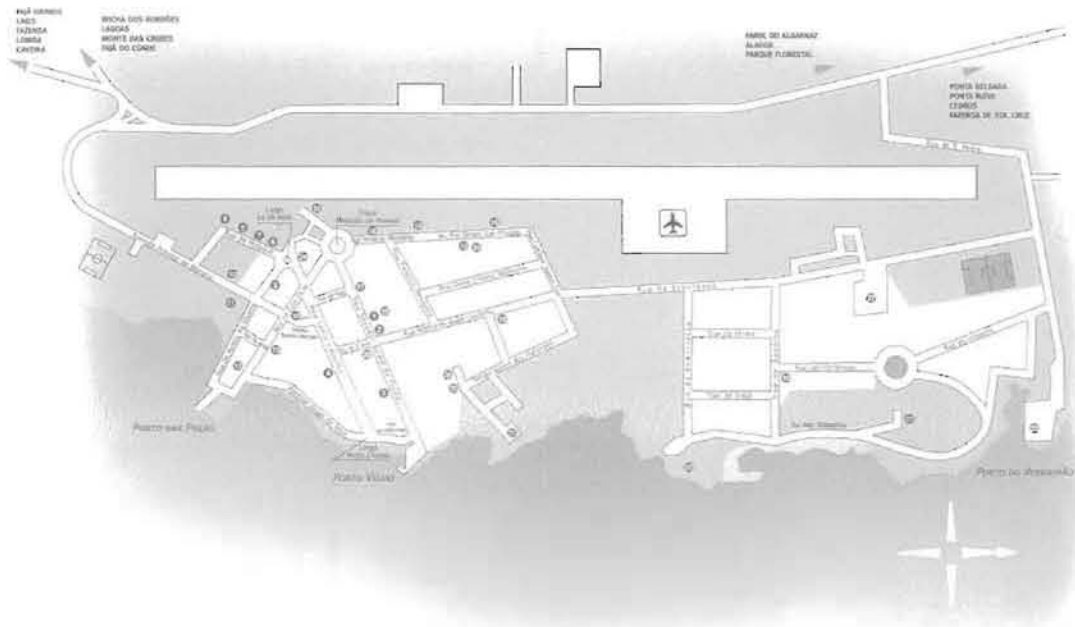
39

expedição científica





VILA DE SANTA CRUZ DAS FLORES



STA. CRUZ DAS FLORES

- 1 Câmara Municipal / Town Hall / Hôtel de Ville / Rathaus
- 2 Correios / Post office / Poste / Post
- 3 Autoridade Marítima / Coastal Police / Police maritime / Seepolizei
- 4 Escola / School / Ecole / Schule
- 5 Posto de Turismo / Tourist Office / Office de Tourisme / Fremverkehrsbüro
- 6 Museu das Flores "Convento de S. Boaventura" / Museum S. Boaventura Convent / Musée Convent de S. Boaventura / Museum S. Boaventura Kloster
- 7 Centro de Saúde / Medical Centre / Centro médico / Ärztezentrum
- 8 Farmácia / Pharmacy / Pharmacie / Apotheke
- 9 Central de Camionagem / Bus station / Gare routière / Busbahnhof
- 10 Jardim / Garden / Jardin / Parkanlage
- 11 Parque Infantil / Playground / Parc enfantin / Spielplatz
- 12 Agência de Viagens / Travel agency / Agence de voyages / Reisebüro
- 13 Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição / Main Church Nossa Senhora da Conceição / Eglise Principale Nossa Senhora da Conceição / Nossa Senhora da Conceição Hauptkirche
- 14 Biblioteca / Library / Bibliothèque / Bücherei
- 15 G.N.R. (Guarda Nacional Republicana) / Republican National Guard / GNR - Gendarmen Nationale / Portugiesische Nationalgarde
- 16 Banco / Bank / Banque / Bank
- 17 SATA Air Açores / SATA Airline / SATA Ligne aérienne / SATA Fluggesellschaft
- 18 Parque de Estacionamento / Parking / Parking / Parkplatz
- 19 Restaurante / Restaurants / Restaurants / Restaurants
- 20 Residência / Family hotel / Hôtel familial / Pension
- 21 Hotel / Hotel / Hôtel / Hotel
- 22 Piscinas Naturais / Natural swimming pools / Piscines Naturelles / Naturschwimmbekken
- 23 Fábrica da Baleia / Whaling factory / Usine de la Baleine / Walfabrik
- 24 Bar / Bars / Bars / Bars
- 25 P.S.P. (Polícia de Segurança Pública) / Police / Police / Polizei
- 26 Clube de Informática / Internet Centre / Centre d'Internet / Internetzentrum
- 27 Pizzaria / Pizzeria / Pizzeria / Pizzeria





para consumo público. A densidade de drenagem é média a elevada, sobretudo na parte central da ilha, onde se reúnem condições edafoclimáticas que favorecem a concentração das águas. As principais ribeiras nascem no planalto interior e desembocam na costa alcantilada em vales profundamente entalhados, muitas vezes suspensos, formando cascatas de grande valor cénico e interesse turístico.

Segundo a classificação de Köppen, o clima da ilha das Flores é do tipo Csa (mesotérmico húmido). Em Santa Cruz (Aeroporto), a precipitação anual é de 1.430 mm e a temperatura média anual ronda 17,8 °C, oscilando entre 23,2 °C (Agosto) e 14,4 °C (Fevereiro e Março). A humidade relativa do ar é sempre muito elevada, atingindo valores compreendidos entre 76 e 83 %. Os ventos dominantes sopram do quadrante Sul, com velocidades médias de 15,4 km/h. Em altitude, as condições climáticas são substancialmente agravadas, principalmente nas vertentes mais desabrigadas do Maciço Central.

aspectos humanos

Apesar de subsistirem algumas incertezas históricas, o Corvo e as Flores foram as últimas ilhas açorianas a serem descobertas pelos portugueses, em 1452, cujo achamento é atribuído a Diogo e João de Teive. A primeira tentativa de povoamento ocorreu por volta de 1470, iniciativa infrutífera do Flamengo Guilherme Van der Haegen. O processo foi retomado em definitivo em 1504, sob orientação de João da Fonseca de Évora. O actual nome (ilha das Flores) remonta a 1475, embora tenha sido chamada "Insula Corvi Marini" e "Ilha de São Tomás".

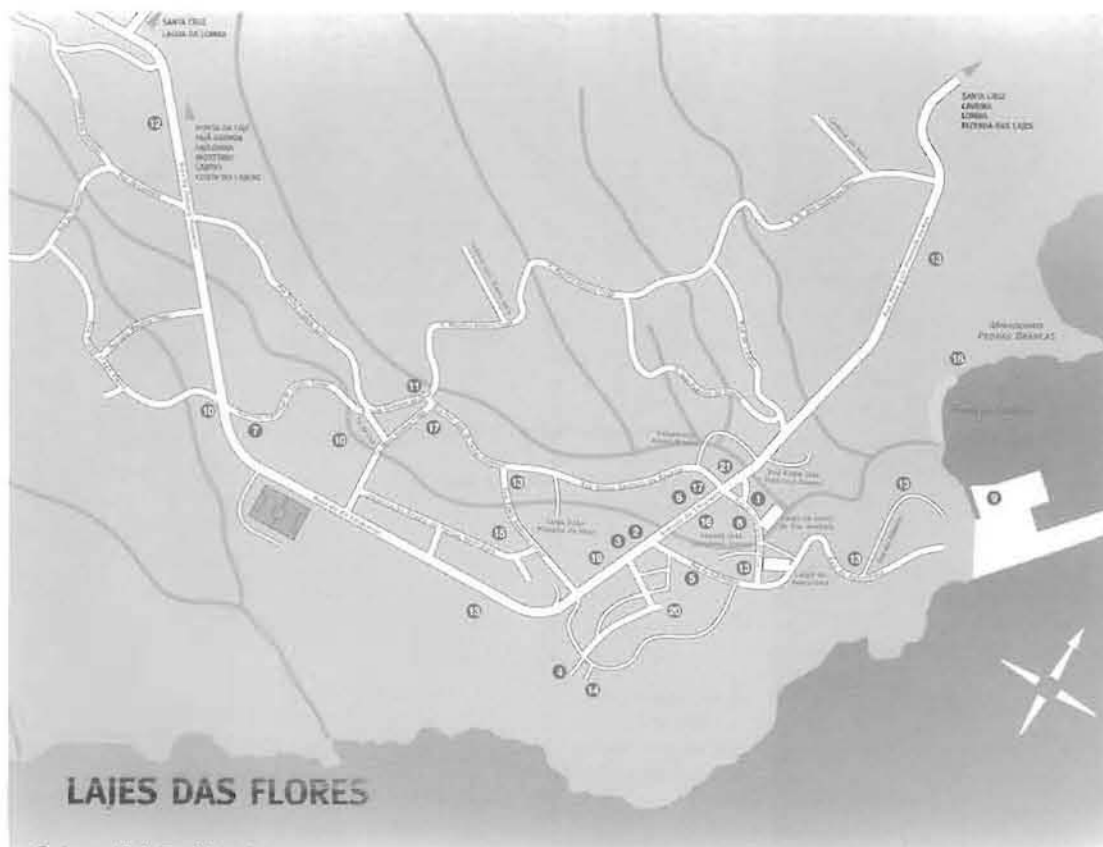
Quanto à organização administrativa, a ilha das Flores é constituída por dois municípios, Santa Cruz e Lajes, compostos por quatro e sete freguesias, respectivamente: Caveira, Cedros, Ponta Delgada e Santa Cruz (sede de concelho, elevada à categoria de vila em 1548); Fajã Grande, Fajãzinha, Fazenda, Lajedo, Lomba, Mosteiro e Lajes (sede de concelho, elevada à categoria de vila em 1515). Actualmente a Vila de Santa Cruz é o principal aglomerado urbano da ilha, onde se concentra a maioria dos serviços públicos regionais e as infra-estruturas mais importantes, com excepção do porto oceânico (Lajes). Santa Cruz situa-se na costa nascente, mais baixa e abrigada, e viu o seu desenvolvimento ser ditado por uma maior disponibilidade de território plano. O núcleo histórico tem interesse patrimonial, embora a zona de expansão mais recente se encontre desordenada.

Numa abordagem generalizada, os solos da ilha das Flores são ocupados maioritariamente por matos (48 %), incluindo manchas de vegetação natural, localizadas nas vertentes mais inclinadas e inacessíveis do interior da ilha e nas arribas costeiras. Os espaços destinados às actividades agrícolas, com predomínio para as pastagens,





VILA DAS LAJES DAS FLORES



LAJES DAS FLORES

- 1 Correio / Post office / Poste / Post
- 2 Centro de Saúde / Medical Centre / Centre medical / Ärztezentrum
- 3 Farmácia / Pharmacy / Pharmacie / Apotheke
- 4 Bombeiros / Fire Department / Pompiers / Feuerwehr
- 5 Polícia / Police / Police / Polizei
- 6 Câmara Municipal / City Hall / Hôtel de Ville / Rathaus
- 7 Junta de Freguesia / Parish / Administration / Bureau Municipal / Gemeindeverwaltung
- 8 Igreja / Church / Eglise / Kirche
- 9 Porto / Harbour / Port / Hafen
- 10 Bómbas de Gasolina / Petrol station / Station d'essence / Tankstelle
- 11 Táxi / Taxi stand / Station de taxi / Taxistand
- 12 Artesanato / Handicrafts / Artisanat / Handarbeiten
- 13 Café / Cafe / Café / Café
- 14 Farol / Lighthouse / Phare / Leuchtturm
- 15 Parque infantil / Playground / Parc enfantin / Spielplatz
- 16 Jardim / Garden / Jardin / Parkanlage
- 17 Banco / Bank / Banque / Bank
- 18 Miradouro - Parque de Merendas / Belvedere-Belvédère / Picknickplatz - Parc à pique-nique / Aussichtspunkt - Picknick park
- 19 Polícia Marítima / Autoridade marítima / Coastal Police / Police maritime / Seepolizei
- 20 Posto GNR / Republican National Guard / GNR - Gendarmerie Nationale / Portugiesische Nationalgardi
- 21 Império do Espírito Santo / Espírito Santo Chapel / Chappelle du Saint Esprit / Heilig-Geist Kapelle





representam 45,6 % do território. Situam-se a média e grande altitude e em redor dos aglomerados, onde coexistem com campos de cultivo e de produção de milho forrageiro. Quanto à floresta de produção (3 %) é formada sobretudo por povoamentos de criptoméria. As zonas húmidas (lagoas) têm pouco significado no cômputo geral (0,5 %) e estão concentradas no planalto central. A restante superfície (1,7 %) destina-se ao uso urbano, pois o espaço industrial não possui expressão (0,02 %). Os principais centros populacionais encontram-se nas plataformas litorais e os pequenos núcleos rurais existentes acima das arribas implantam-se, preferencialmente, em linhas de festo (povoamento linear no seguimento das vias de comunicação).

Segundo os últimos dados censitários, a ilha das Flores registou um decréscimo populacional entre 1991 e 2001, passando de 4329 para 3995 habitantes. Tal decréscimo já se observava desde a década de 70. No entanto, estimativas mais recentes apontam para uma ligeira recuperação do efectivo populacional. O quantitativo de 2001 equivalia a cerca de 1,7 % da população do Arquipélago dos Açores. A densidade populacional situava-se nos 28 hab/km². O concelho de Santa Cruz, com 2.493 habitantes, era o mais populoso da ilha (62 % do total), com uma densidade de 35 hab/km².

ILHA DO CORVO

aspectos físicos

A ilha do Corvo pertence ao Grupo Ocidental dos Açores e fica situada entre as Latitudes 39° 43' 34''N (Ponta do Mar) e 39° 40' 09''N (Ilhéu a Sudeste do Corvo) e as Longitudes 31° 04' 56''W (a Norte do Fojo) e 31° 07' 44''W (Ponta Oeste). Conjuntamente com a ilha Flores, ocupa o extremo ocidental do Arquipélago dos Açores, distando de Santa Maria, a ilha mais oriental, cerca de 660 km. Com uma superfície de 17,1 km², constitui a parcela açoriana mais pequena, representando cerca de 0,7 % da Região (2.322 km²). Tem uma configuração sensivelmente oval, com 6 km de comprimento por 4 km de largura, eixos máximos Norte-Sul e Este-Oeste, respectivamente.



Pelas suas características físicas e humanas, a ilha do Corvo constitui um exemplo representativo da acção do homem sobre o ambiente levado até níveis quase insustentáveis. Não existe hoje praticamente coberto florestal, devido à exploração intensiva de madeira desde o início da sua colonização. O aproveitamento dos campos

para a agro-pecuária e o pastoreio intensivo de caprinos e ovinos ditaram alterações profundas na ecologia insular. Apesar das transformações ocorridas subsistem pequenos núcleos de vegetação endémica e algumas turfeiras com interesse conservacionista. As costas alcantiladas albergam colónias de aves marinhas com estatutos de protecção.





Não há registo de erupções vulcânicas históricas no Grupo Ocidental nem mesmo actividade sísmica sentida, devido à posição destas duas ilhas no esquema geodinâmico do Atlântico Norte. A nível geológico, a ilha do Corvo contém grande diversidade de formações vulcânicas, o que evidencia uma alternância de estilos eruptivos. Estão definidas duas unidades geológicas: o Complexo de Base e o Complexo Superior. O Complexo Base inclui as formações e estruturas vulcânicas originadas pelo vulcanismo submarino emergente. Estas formações são constituídas, principalmente, por materiais piroclásticos submarinos (tufos, na sua maioria) e encontram-se com maior expressão na base das arribas costeiras. O Complexo Superior compreende as formações e estruturas vulcânicas resultantes da actividade vulcânica subaérea. Esta unidade, bastante mais complexa devido à alternância de vulcanismo explosivo e efusivo, é dominada pela sucessão de escoadas lávicas intercaladas por níveis piroclásticos de granulometria variada, desde finos a grosseiros.

Em termos geomorfológicos, o Corvo é marcado por um vulcão central que domina grande parte da superfície emersa da ilha. Trata-se de um edifício vulcânico que apresenta um perfil bastante assimétrico, uma vez que os flancos virados a Norte e



Noroeste foram maioritariamente desmontados pela acção do mar, ao contrário dos restantes que se mostram mais suaves. O vulcão central culmina numa cratera de grandes dimensões (Caldeirão), o principal acidente geomorfológico da ilha. A depressão apresenta uma cumeeira de contorno, grosso modo, elíptico, medindo, aproximadamente, 2,3 km por 1,9 km, e com desnível médio na ordem dos 300 metros. A altitude máxima é registada no Morro dos Homens (718 metros). A

distribuição das altitudes é a seguinte: 55 % da superfície eleva-se a cotas compreendidas entre os 300-800 metros e 45 % encontra-se abaixo dos 300 metros de altitude.

No domínio da orla costeira, o Corvo possui um litoral, em geral, alcantilado com imponentes arribas que chegam a atingir um desnível máximo de 700 metros, sobretudo na parte Norte. O aspecto da orla costeira é resultado do constante desabamento das falésias pela intensa e continuada abrasão marinha, que se faz sentir por quase toda a costa. No entanto, a discrepância observada nas alturas das arribas Oeste e Este deve-se ao facto desta acção erosiva ter maior incidência no primeiro sector. A plataforma lávica, que se estende no extremo Sul, contraria a tendência geral. Trata-se de uma superfície aplanada que se prolonga sobre o mar, territorialmente bastante limitada, mas que permitiu a fixação do homem num único aglomerado populacional. Ao longo da costa, com 21 km de extensão, existem algumas reentrâncias e pequenas baías pouco abrigadas. O ilhéu do Pão de Açúcar destaca-se dos restantes pela sua singularidade. A quase totalidade do litoral do Corvo integra a Zona de Protecção Especial (ZPE) e o Sítio de Interesse Comunitário (SIC) da Costa e Caldeirão, locais protegidos em virtude da diversidade de habitats e das populações de cagarro e de garajau.

Na ilha do Corvo os recursos hídricos não são abundantes, devido à pequena dimensão da estrutura insular. A rede hidrográfica, constituída por linhas de água temporárias e de regime torrencial, apresenta uma estrutura radial, controlada pelo vulcão central com



caldeira. Os cursos de água do sector Oeste ostentam maior hierarquização do que os do flanco Este. Na parte central da ilha desenvolve-se a maior bacia hidrográfica, delimitada pela depressão do Caldeirão. Nesta unidade endorreica encontram-se duas pequenas lagoas permanentes que totalizam 0,208 km². Nas margens e áreas adjacentes ocorrem numerosas turfeiras, charcos e terrenos alagados cobertos de esgano, que evidenciam o assoreamento por sedimentos e vegetação mobilizada pela drenagem superficial. O aquífero do vulcão da Caldeira corresponde, praticamente, à área da ilha. É deste manancial subterrâneo que se extrai a água para consumo humano, estando inventariadas pouco mais de 10 captações.

Segundo a classificação de Köppen, o clima da ilha do Corvo é do tipo Csa (mesotérmico húmido). Em Vila do Corvo (Aeroporto), a precipitação anual atinge 1.114 mm e a temperatura média anual ronda 17,4 °C, oscilando entre 22,6 °C (Agosto) e 13,8 °C (Fevereiro). A humidade relativa do ar é sempre muito elevada, atingindo valores compreendidos entre 79 e 82 %. Os ventos dominantes sopram do quadrante Noroeste, com velocidades médias de 18,8 km/h. As condições climáticas são substancialmente agravadas em altitude, principalmente nas vertentes mais expostas e desabrigadas.

aspectos humanos

Apesar de subsistirem algumas incertezas históricas, o Corvo e as Flores foram as últimas ilhas açorianas a serem descobertas pelos portugueses, em 1452, cujo achamento é atribuído a Diogo e João de Teive. No início do povoamento foram enviados escravos para a ilha e, por volta de 1580, fixaram residência colonos da vizinha ilha das Flores. A ilha esteve sujeita à constante incursão de piratas, que frequentavam as águas açorianas e recorriam ao Corvo para abastecimento de viveres. O seu actual nome (ilha do Corvo) remonta a 1475, embora tenha sido chamada "Insula Corvi Marini", "Ilha de Santa Iria" e "Ilha do Marco".

Quanto à organização administrativa, a ilha do Corvo é composta apenas por um município, Vila do Corvo (povoado elevado à categoria de vila em 1852), sede de concelho, o único no país que não tem qualquer freguesia. Neste aglomerado concentram-se todos os serviços, infra-



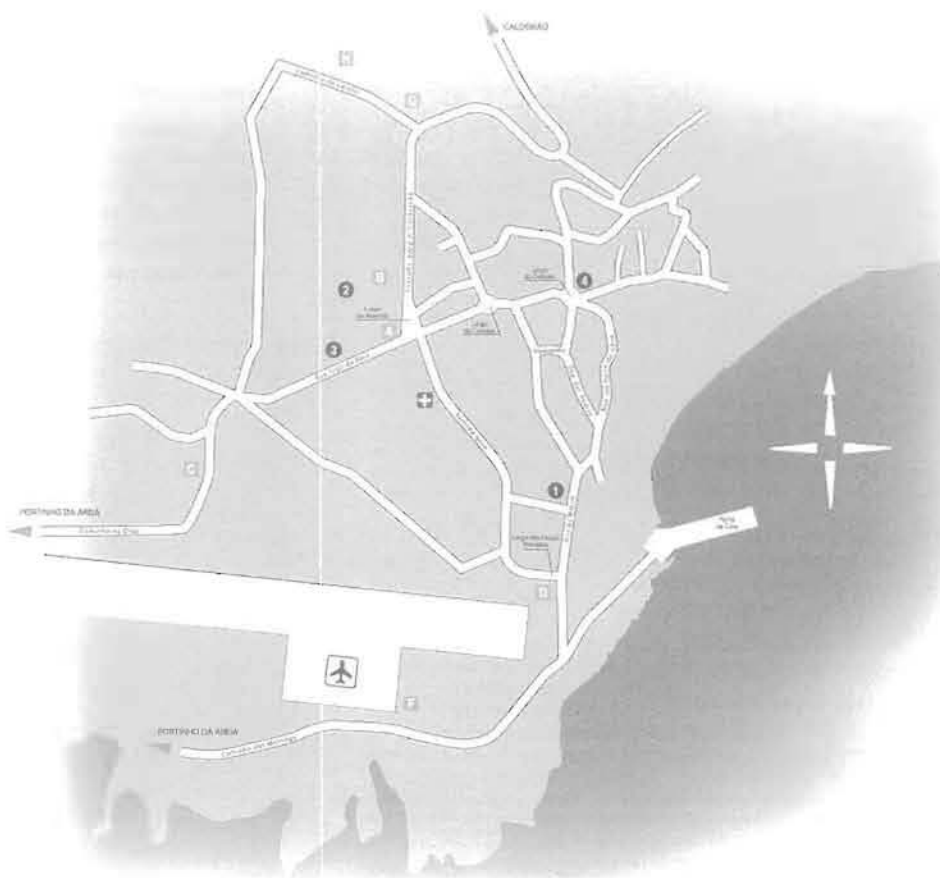
estruturas e equipamentos, além da função residencial. O centro histórico, representativo de um povoamento nuclear do tipo concentrado, apresenta-se bastante degradado, devido ao abandono de muitas habitações pertencentes a famílias que emigraram, sobretudo para o Canadá e Estados Unidos da América. Na zona de expansão encontram-se tipologias habitacionais algo dissonantes da construção tradicional.

Numa abordagem generalizada, os solos da ilha do Corvo são ocupados maioritariamente por áreas destinadas à actividade agrícola (57,5 %), sobretudo pastagens (artificiais e semi-naturais - baldios) e milho forrageiro (terras altas). As parcelas





VILA NOVA DO CORVO



46

VILA NOVA DO CORVO

- 1 Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres
/ Main Church of Nossa Senhora dos Milagres
/ Eglise principal Nossa Senhora dos Milagres
/ Nossa Senhora dos Milagres Hauptkirche
- 2 Biblioteca Municipal / Library / Bibliothèque / Bücherei
- 3 Paços do Concelho / Town Hall / Hôtel de Ville / Rathaus
- 4 Império de Espírito Santo / Holy Spirit's "Chapel"
/ "Chapelle" du Saint Esprit
/ Heilig-Geist "Kapelle"
- 5 Correios / Post / Poste / Post
- 6 Polidesportivo Descoberto / Sports Centre
/ Complexe sportif
/ Sportanlagen
- 7 GNR / Republican National Guard
/ GNR - Gendarmerie Nationale
/ Portugiesische Nationalgarde
- 8 Polícia Marítima / Coastal Police / Police maritime
/ Seeportizei
- 9 Centro de Saúde / Medical Centre / Centre médical
/ Ärztezentrum
- 10 Bombeiros / Fire Department / Pompiers / Feuerwehr
- 11 Artesanato Horta Funda / "Horta Funda" Handcrafts
/ Artisanat "Horta Funda"
/ "Horta Funda" Handarbeiten
- 12 Queijo Típico Várzea / "Várzea" cheese
/ Fromage traditionnel de Várzea
/ "Várzea" Käse





flores e corvo 2007

projecto

imediatamente em redor da povoação são as únicas em que é possível praticar o cultivo de bens de subsistência (mosaico de culturas). As áreas de mato (39,3 %), incluindo as manchas de vegetação natural, apresentam-se hoje muito fragmentadas e foram remetidas aos vales das ribeiras e às vertentes mais íngremes, nomeadamente às arribas costeiras. As zonas húmidas (lagoas do Caldeirão e turfeiras) representam 2 % da superfície insular. O restante território (1,2 %) está afecto à ocupação urbana, concentrada exclusivamente na plataforma Sul. Os espaços industriais e de floresta de produção não têm expressão no cômputo da ilha (0,02 % e 0,08 %, respectivamente).



Segundo os últimos dados censitários, a ilha do Corvo registou um aumento populacional entre 1991 e 2001, passando de 393 para 425 habitantes, o que indica uma inversão da tendência de decréscimo populacional que se verificava desde a década de 70. O quantitativo de 2001 equivalia a cerca de 0,17 % da população do Arquipélago dos Açores. A densidade populacional situava-se nos 25 hab/km², uma das mais baixas da Região.



João Mora Porteiro & Helena Calado

Textos adaptados do Relatório de Caracterização do Plano de Ordenamento da Orla Costeira da Ilha das Flores. Projecto do Centro de Informação Geográfica e Planeamento Territorial. Secção de Geografia - Departamento de Biologia da Universidade dos Açores.





A VIDA NO CORVO

As vaquinhas, encantadora raça do Corvo, são mungidas nos pastos, e produzem este leite perfumado, que não me canso de beber e que sabe a todas as ervas rasteiras que cobrem o chão como um tapete, e que os pastores designam uma a uma pelo nome: sabem ao trevo enamorado de três folhinhas esguias em cada ponta, ao guedilhão, ao azevém, ao feno, à solda de florinhas amarelas, à mão-furada, à lia vaca, à lia vaquinha, à milha, à erva estrelinha de flores brancas, e às variedades de fetos que eles distinguem pelos nomes de feto serrim, feto rato e molar, feto porco e feto branco – que dão camadas sucessivas de pasto nesta humidade que destila o céu. Duas vezes por dias as ordenham – se mama o leite, como eles dizem – e só ao fim da tarde começa a bicha a descer a íngreme ladeira. É todo o povo que desfila, como vi num grande retábulo de pedra esculpido a cinzel por um artista ingénuo – os pastorinhos, as moças com os cabaços ao quadril, as mulheres com os carregos e os velhos já gastos. Uma expressão arcaica e dura e ao mesmo tempo resignação e dor. E, como o povo que regressa



todas as tardes da lavoura, vejo os instrumentos de trabalho – os cestos, as cordas, o alvião. E com o povo os animais, as ovelhas, os bois, os burros carregados e os porcos que recolhem às cortes, completam o grande retábulo aberto na pedra do Corvo. Esta pedra brava produz milho, trigo e lã, com que os sustenta e veste, mas a maior parte das terras são no vale do Fojo, numa chã à beira mar, a duas horas de distância, e as pastagens ainda mais longe. Todos moram na vila par fugirem à solidão tremenda, todos trabalham

naquela fraga dura como o bronze cinzelado, nos cantinhos onde a terra se juntou – todos caminham descalços, duas vezes por dia, pelo único caminho áspero que leva ao interior. Vida dura.

- A gente semeia e o vento leva!
O vento é a preocupação constante desta gente.
- Ele é o poder do mundo!

Vida dura para elas, principalmente, que vão todos os dias para as terras de cima, duas léguas de caminho, com o alvião às costas, e que regressam à tarde para fabricarem os queijos e cuidarem dos filhos. São mulheres activas e espertas. Todas cardam e fiam, e quase todas, num tearzinho rudimentar fabricam o pano de que se vestem a si e aos homens. E fiam muito bem e tecem muito bem. Toda a roupa da ilha é cortada por suas mãos, e das que não sabem talhar, dizem: – Coitadinha, tem pouco préstimo!





– Dispõem da chave da caixa. O homem entrega-lhes o dinheiro dos bois e elas governam-no. E quando acontece haver alguma de quem o homem não confia, logo as outras clamam num espanto:

– Ai Jesus, Maria, José! E ela está com ele!

Ora isto de ter a chave da caixa é uma coisa muito séria na lavoura. A caixa da limpeza, sempre duma maneira dura para lhe não entrar o rato, e no Corvo de cedro petrificado que se encontra no fundo da terra, ou de tabuões de naufrágio que dão à costa, é o móvel onde se guardam os melhores panos, as moedas que se juntam tirando-o à boca, as coisas de maior préstimo e valia e as recordações dos mortos.



A caixa herda-se. E, puída de tantas mãos, é quase sagrada. Já tenho visto lavradores morrerem com os olhos postos na caixa e a chave metida debaixo do travesseiro. Ter a chave da caixa é ter o cetro e o prestígio. E uma vez entregue à mulher, nunca mais se lhe pode tirar...

Raul Brandão

In: Almanaque Popular dos Açores, 1950. Direcção Literária do Dr. Carreiro da Costa





O FAQUIR PIRATA DA ILHA DO CORVO

Depois de desaparecer, no século xv, a maravilhosa estátua do Corvo, estátua equestre em pedra, o cavalo em osso, o cavaleiro apontando com o índice para o ocidente, surgem os piratas argelinos nas costas daquele negro corvo de penedia, pousado no meio do Atlântico.

O bando de pechelingues de Mafoma levou, entre as presas, um mancebo de 13 anos que era filho apanhado duma bruxa.

Em Tunis o Bey ofereceu, como dádiva, o jovem corvino a um desses velhos penitentes do deserto que adquirem a santidade pelas mortificações, pela contemplação e que são conhecidos pelo nome de faquires.

Faquir é um vocábulo árabe, que significa pobre ou melhor religiosa medicante. O Hindustão é a terra propriamente dita dos faquires. Os muçulmanos hindús é que trouxeram para a Arábia e para a África islamita estas práticas ascéticas. Entregam-se a



duras penitências porque querem adquirir a santidade pelo transporte da alma e pelas mortificações. O povo oscula-lhes a fimbria da sua túnica como testemunho de pública veneração.

O haschich é a erva maravilhosa do faquir. Como é sabido, a canabina dá um licor inibriante. A ciência positiva não explica muitos factos maravilhosos praticados pelos faquires. Os ingleses

têm observado factos verdadeiramente prodigiosos sucedidos com faquires do Hindustão. Faquires enterrados vivos, depois de muitos meses desenterrados e voltando à sua vida normal. Outros, deixando-se cortar por alfanges e furar por punhais, chegando a amputar membros e aparecerem rapidamente curados. Uns vivem 40 e mais anos numa gaiola. Andam uns com as mãos sempre fechadas para que as unhas, crescendo, se lhes enterrem na palma da mão e a atravessem de lado a lado. Agarram-se outros a ramos de árvores até que os braços se lhes paralísem.

O jovem corvino ou corvense foi baptizado pelo faquir com o nome de Ali, reconhecendo no moço elche uma maravilhosa penetração de espírito. Via fenómenos a distância de léguas e através dos corpos opacos. Realizava Ali todos os prodígios dos faquires mais eminentes, mas desadorava a vida austera e mortificante que eles levavam. Trazia bordado no peito um pentagrama, estrela de cinco pontas, emblema da autoridade intelectual em magia que ele usava como filactério. Aborrecia a pobreza, cobiçava ser rico. Sua mãe dizia-lhe no Corvo em pechinchinho: «pobreza não é vileza, mas é um ramo de picardia». Já homem, na plenitude da mocidade, abandonou o velho faquir e foi incorporar-se num bando de piratas. Afirmava com o fatalismo





muçulmano que assim estava talhado o seu destino: *Mandei ler a minha sina/E a sina me respondeu/Que um triste fugir não pode/À sorte que Deus lhe deu.*

Saíra com os bandos de piratas em duas galeras do porto marroquino de Larache no intento de assaltarem as ilhas açóricas. O vento e o ardil de Ali, levou a sua galera ao Corvo. Os mansos habitantes do insular patriarcado desconfiaram que tais mareantes eram piratas. O mar estava revoltado como a consciência dum excomungado.

Achava-se Ali em frente do negrume das aspérrimas arribas, do verde-escuro das ericas, onde passara a sua infância. Do caldeirão, cratera geradora da ilha, já não subiam no ar espirais de esbranquiçados vapores esparzindo o cheiro sulfúreo.

A ilha fora descoberta entre os anos 1449 e 1453, mas os seus donatários quase esqueceram este solitário e negro penhasco. Quem com desvelada caridade evangélica se dedicou a apostolizar os quase esquecidos povoadores foi o padre Agostinho Ribeiro, que em 1534 veio ser o primeiro Bispo de Angra. Antes da criação deste bispado o arquipélago açórico pertencia à Ordem de Cristo e depois obedeceu à



Diócese do Funchal. O vigário do Corvo fizera da ilha uma exemplar teocracia, regime de providência discricionária e de bondade tocante que ainda hoje vigora.

Os curas de almas muitas vezes para acalmar o povo exorcizavam as bruxas, os zangãos. E os duendes.

Herdara Ali de sua mãe ódio satânico ao virtuoso padre vigário do Corvo, pois crendo nos

malefícios dela ousara publicamente exorcisma-la como bruxa! Seria ele com a dupla magia de zangão e faquir que vingaria os vexames sofridos por sua mãe. Os piratas de cor escura e abacanáda com turbante cinzento deixaram saltar o branco Ali sobre o escarpado ilhéu como que para reconhecer o terreno. De embuscada podia ser acometido por destemidos corvinos, mas não viu ninguém. Trepou os socalcos até ao meio da ladeira e desequilibrando-se na ascensão dum penedo caiu mortalmente ferido. Não lhe valeu o filactério. A galera rapinadora singrou para a ilha das Flores. Os florenses ou florentos padeceram o assalto.

No dia imediato um pastor corvino achou a cabeça de Ali e, por um sinal de nascença que tinha na face, reconheceu o filho da bruxa, despojo de piratas. A cabeça foi enterrada, mas no dia seguinte apareceu ululando entre os fragedos. Foi enterrada novamente muitas vezes e continuava pela calada nocturna ressurgindo e ululando. Só depois dum exorcismo do padre vigário é que se aquietou, se corrompeu e se calou.

Ferreira Deusdado
[«Quadros Açóricos»]

In: Almanaque Popular dos Açores. 1951. Direcção Literária do Dr. Carreiro da Costa.





FECHADURAS DO CORVO OBJECTOS ÚNICOS

Descoberta em 1452, vinte e cinco anos depois de o arquipélago ter sido avistado pela primeira vez, a ilha do Corvo está povoada ininterruptamente desde 1548. Desde então, sobrevivem as suas fechaduras.

Desde os primórdios da sua descoberta que a ilha mais pequena do arquipélago açoriano, situada nos confins do Atlântico português, é sinónimo de afirmação de um povo independente e lutador.

Ao longo dos séculos, gerações de corvinos determinados agarrados aos seus penhascos, e de enxada na mão, isolados de tudo e de todos, protagonizaram uma história épica de sobrevivência que moldou uma forma diferente de estar e de ser. Desde sempre, muitos conceberam-na como uma espécie como uma espécie de ilhéu que, devido à sua reduzida dimensão e isolamento, muito dificilmente teria condições para ser permanentemente povoada. As histórias de um passado de meio milénio falam de uma solidariedade e de um espírito de entreatajuda além fronteiras. Ao longo dos tempos, o

conceito de família diluiu-se, inconscientemente, para dar lugar a um forte espírito comunitário.

Para enfrentar as privações, de um tempo condicionado pela incógnita das condições climatéricas, das ligações com o resto do mundo, todos tinham de estar unidos no ideal máximo da sobrevivência.

O Estado português, fortemente marcado por uma debilidade genética, sempre foi assim: centenas de comunidades lusas, espalhadas pelos quatro cantos do mundo, habituaram-se a contar, apenas, consigo próprias. A



sua sobrevivência, na maioria dos casos, é, indiscutivelmente, obra do engenho e da tenacidade das populações, por mais isoladas que tenham sido e que ainda hoje o são.

O corvino de hoje herdou uma profunda percepção da sua especificidade sócio-cultural. Sabe que, acima de tudo, é um sobrevivente de longa data. Os arcaísmos que ainda persistem na sua oralidade e textualidade lembram-nos que aqui a história andou bem mais devagar. As velhas e curiosas histórias de pirataria, noutros locais remetidas para os



livros de História, aqui, ainda são contadas com todo o furor e entusiasmo de pormenor de quem conta uma história do dia-a-dia ilhéu.

As histórias que, pelo seu exotismo e ou carácter extraordinário, escaparam para fora do quotidiano corvino, fugiram às amarras cruéis do tempo e tornaram-se, também elas, intemporais – são as histórias de todo e para todo o sempre, pertença de todos e não somente de alguns. Os artefactos agrícolas e os objectos de cozinha e do próprio quotidiano corvino reflectem a realidade social e ocupacional dos seus habitantes. São história, eles próprios ajudaram a marcar uma história, dentro da vivência e origem de cada ilhéu. Sobrevivem ao tempo moderno e a todas as inovações tecnológicas que com ele chegam, e tornaram-se testemunhos privilegiados de um passado longínquo, mas saudoso.

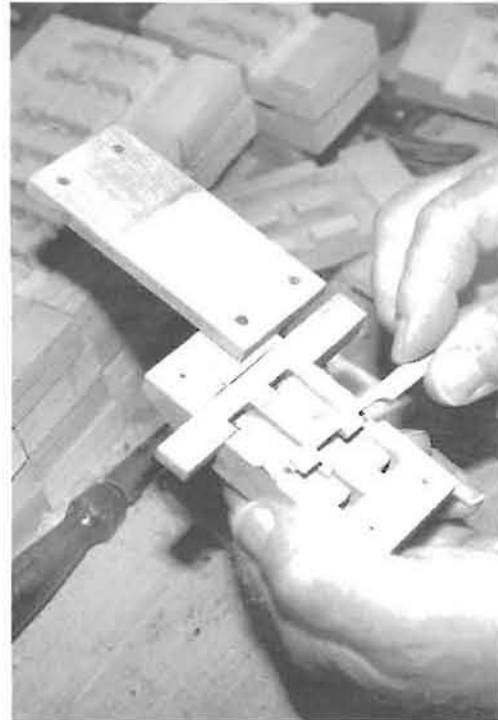
As fechaduras da ilha do Corvo são exemplo disso mesmo; atrever-me-ia dizer que funcionam como um elo profundo entre o passado e o presente e quiçá o futuro. Têm toda a simplicidade e beleza dos objectos únicos, autênticos tesouros que retratam toda a arte dos corvinos de trabalhar a madeira... No "segredo dos deuses" permanece a data certa da sua origem, sabe-se apenas que existem.

Pequenos engenhos feitos em "cedro-zimbro" (um tipo de madeira que ainda hoje sobrevive na mais pequena ilha do arquipélago açoriano). De estrutura simples, a simetria projectada pela chave da madeira permite mover o encaixe provocado pelos trínques encarnados. Sabe-se, no entanto, que a construção de uma fechadura com esta especificidade marca as necessidades sentidas pelos corvinos, num determinado período da sua história secular.

A madeira substitui, sobremaneira, o metal em climas húmidos. A sua simplicidade na concepção não exigia nem perícia, nem técnica especializada, sendo, por isso mesmo, acessível a todos. No entanto, a sua vulnerabilidade, singeleza do material em que é concebida, prova indirectamente, toda a peculiaridade e simplicidade da vida comunitária dos corvinos.

Na verdade, só uma sociedade tão isolada consegue construir um instrumento de protecção dos bens materiais, cuja eficácia e durabilidade, ainda hoje, se baseia fortemente na confiança depositada nos outros, mais do que num possível carácter dissuasor do mecanismo.

A peculiar fechadura de madeira da ilha do Corvo é, sem dúvida alguma, irrepetível, fora do seu espaço insular, sobretudo nos tempos presentes. Esta pequena fechadura representa toda a confiança de uma comunidade depositada nos e para com os outros, dificilmente encontrada noutras comunidades do arquipélago. E é esta característica





flores e corvo 2007

projecto

que a torna emblemática da ilha do Corvo. A sua resistência secular é, sem dúvida alguma, um marco histórico, um autêntico triunfo de uma comunidade tão isolada, como a dos corvinos, sobre o materialismo exacerbado da nossa sociedade actual.



Visitar o Corvo é bom, sobretudo de verão. A viagem pode ser feita de barco ou de avião. Nos meses estivais, existem ligações diárias com a ilha das Flores por barco. Durante o Inverno, as ligações Flores - Corvo estão condicionadas pelo estado do mar, não havendo, por essa razão, um horário fixo. Já as ligações aéreas realizam-se às segundas, quartas e sextas-feiras com as ilhas das Flores, Faial e Terceira, estas duas últimas com ligação ao Continente.

Apesar do alojamento nesta ilha ser escasso, existem, no entanto, algumas casas particulares que alugam quartos, outras tipicamente rurais de aluguer e ainda uma casa de hóspedes. A ilha do Corvo dispõe também dum parque de campismo de acesso gratuito, a visitar.

54

In: Azorean Spirit – SATA Magazine número 7: 18-22, Inverno de 2003.
Texto de Patrícia Isidoro e fotos de Mário Nelson.

expedição científica





FLORES E CORVO AS MAIS DISTANTES E MAIS PERTO DO CORAÇÃO DE PORTUGAL

Conhecíamos, lendariamente, por leitura de crónicas o «Corvo» e as «Flores» - as ilhas, mais distantes da Europa (10 milhas do faial), as mais próximas dos Estados Unidos e as menos conhecidas do arquipélago açoriano. «Menos conhecidas», sublinhamos, pela condição da invariabilidade do tempo e por falta de portos normais. Os ventos ali sopram rijos. Má feição para qualquer barco. Cuidado, pois, quando a meteorologia os rotula de «ciclónicos do quadrante Oeste». É sempre problema. A vaga, mesmo quando o Sol lá no alto nos sorri e a Lua dá o ar de sua graça, é sempre alterosa. Intimidativa. Desapegamo-nos da vida quando, porventura, nos afoitamos ao arriscado trajecto de ir para terra, contingenciados à casca de nós, animada pela perícia destes lobos-do-mar, ao impulso dos remos. Quase uma odisseia, diríamos. Quantas vezes o estômago aflora à boca. Pomos pé em terra firme, num hipotético porto ou abrigo. Arriscamos a pele mais uma vez por nossa conta e risco. A ideia fixa de visitar o Corvo e as Flores foi, a custo, concretizada. Desejamos vê-las com os nossos próprios olhos.

CORVO: ESSE ETERNO DESCONHECIDO

Cruzamo-nos com homens, mulheres e crianças. Está ali tudo. Vieram todos para a rua, os seus 683 habitantes (1967). Já teve, em 1871, para cima dos 800. A população decresce, porquê? A área é pequena: 17,45km². Não há foguetes nem, tão pouco, banda de música à nossa chegada. Para substituírem a filarmónica há um grupo de



tocadores de «gaita de foies». Hoje, é o festejado «Dia de São Vapon». Quase feriado. Pelo menos uma pausa na labuta diária. Há razões para isso. Há um mês que esta boa gente sonha, acordada, com este momento. Na véspera do barco arribar não se dorme. Tudo alerta... e também um homem que se intitula o «Rei de Itália»

que quer convencer toda a gente que pertence a alta estirpe e possui, escondido, não sei aonde, um tesouro, o mais importante de todo o Mundo.

Durante dias consultaram-se velhos marítimos, mestres no que diz respeito às previsões do tempo. Escutou-se a TSF atentamente. Aventurou-se hipóteses. Por fim, eis que o barco chegou! É uma euforia que comanda nervos e sensações. Há sempre nisto a esperança de se lobrigar cara conhecida, a chegada de um parente vindo de longe. Às vezes





nada disto acontece. Mas há, pelo menos, uma carta que se espera e os relaciona com o Mundo. Os menos felizes tentam renovar a esperança. Esperança que se guarda em trinta dias bem contados, noutra propicia ocasião, como agora, o de se repetir novamente o «Dia de São Vapon». Para quem não viva este «isolamento» esta é uma história sem história, de conformação. O corvino tem a virtude de saber esperar. É filósofo pelas circunstâncias. Amolda-se como um condenado sem penas a cumprir. É uma imposição que aceita sem constrangimento nem uma palavra de revolta.

Falam todos uma linguagem que os nossos ouvidos não estão habituados. Estranhámos a sua musicalidade. É uma linguagem desenterrada de «quinhentos». As suas figuras parecem-nos bíblicas. Já as vimos, algures, retratadas em retábulos ou nas Tábuas de Mestre Nuno Gonçalves.

Caras de santos ou de pedintes! Extraordinária gente. Olham-nos, interrogando-se. «Alhore» (que quer dizer «acordo») é a sua melhor saudação). Rompemos por entre a multidão e vamos subindo uma rua tortuosa, com prédios de um lado e doutro, negros. Todos eles têm rés-do-chão, poucos com um andar! Portas abertas. Que é das fechaduras? Supomos que não damos pela sua



existência. Isto não é lenda. Vimos a realidade com os nossos próprios olhos. Reina uma atmosfera de confiança entre todos, um bom clima de entendimento. Mútuo auxílio por toda a vida até à morte. Quando alguém morre quatro vizinhos encarregam-se de lhe dar sepultura. Um caixão serve para todos. Quando encontram qualquer objecto perdido ele é colocado num prego que está na portada da velha igreja construída em 1674. Os moinhos estão à disposição de toda a gente para a fornada. Não há polícia. Lá está o presidente do Município que se encarrega daquela e de outras funções. A prisão não funciona. Moram ali as folhas das árvores que nesta altura se encaminham para lá, levadas pelo rodopiar do vento. Não há analfabetos. A escola, essa, sim funciona. O sacerdote, o Padre Eugénio Rita, além de cura de almas exerce a medicina, na ausência do facultativo, cargo que, às vezes, está vago. Quantos médicos não tomam posse das suas funções e retiram no mesmo barco, horrorizados pelo isolamento a que está votado o Corvo?

O gado erra nas pastagens, que são de todos. Apenas está identificado por uma marca nas orelhas. A propriedade é muito dividida. Todos têm o seu quinhão. Há courelas com 6m²! Passamos à casa onde está instalado o Espírito Santo, aos Paços do Concelho e ao «Outeiro». Este é um terreiro, ponto de encontro dos homens, onde se põe em jogo a vida do Corvo. Livro aberto da história deste pacífico povo. Os «homens da fala ou do acordo» como eles dizem, concentram-se neste terreiro à semelhança daquelas pequenas repúblicas de assembleias populares que a História nos fala dos tempos remotos. Democracia de lavradores chamou Raul Brandão. Determinação («chamadas», na sua expressão) para se projectarem os concertos dos caminhos, do moinho ou do forno comum, na resolução de pleitos, de questões de água, etc. Os de avançada idade encostados ao cajado e levando a «rosquiha» (almofada feita de palha de junco)





contam os episódios das suas aventuras quando estiveram na Califórnia. Eles um dia alimentaram e experimentaram o eldorado dos Estados Unidos!

Entre aquelas figuras do Outeiro pareceu-nos ver a inconfundível estatura do Gato, um Hércules, um homem ciclópico do tempo de Afonso Henriques. Quando fez a recruta em artilharia, em Angra, precisou de fardamento talhado à medida e teve honras de exposição das botas da ordem numa montra da rua da Sé.

O corvino emigra para os Estados Unidos mas quando de lá parte deixa os hábitos e costumes norte-americanos. Retoma o viver como se nada passasse na vida deles.

O corvino é muito português. Assim foi ele o último a submeter-se ao regime de Filipe II. Quando o então Governador da Horta, Dr. Manuel Francisco Medeiros lhes perguntou qual a sua maior aspiração respondeu que lhes bastava uma bandeira para com ela saudar, mesmo de longe, os navios que passassem naqueles rumos, numa certeza de que todos sentissem que o Corvo também era Portugal.

É reconhecido do que lhe fazem. Mousinho da Silveira, o ministro da confiança de D. Pedro IV, quando extinguiu os dízimos e elevou o Corvo – o mais minúsculo concelho português – (à categoria de vila, 1832), logo o povo, em peso, agradeceu com ruidosas



manifestações de regozijo o bem que o estadista lhe fizera. Até ao fim da vida de Mouzinho da Silveira os corvinos nunca o esqueceram a ponto de lhe enviar todos os anos um presente simbólico. Isso deu azo a que ele no testamento escrevesse: «Quero que o meu corpo seja sepultado no cemitério da ilha do Corvo, a mais pequena dos Açores, e se isto não puder ser por qualquer motivo ou por não querer o meu testamenteiro carregar com essa trabalhadeira, quero que o meu corpo seja sepultado no

cemitério da freguesia da Margem, pertencente ao Concelho de Gavião. São gentes agradecidas e boas, e gosto agora, da ideia de estar cercado, quando morto, de gente que, na vida, se atreveu a ser agradecida».

O Corvo é o vértice de uma grande montanha vulcânica. Alinha-se junto ao mar. Em 1966 foi inaugurado o cais do Porto da Casa. É todo uma escarpa inacessível.

Por estrada nacional atinge-se o cume da ilha – o «Caldeirão». Na Ponta do Marco, local que se visiona: um homem de pé apontando aos mareantes o rumo para a costa americana. É um espectáculo inesperado e surpreendente, a existência no fundo desta grande bocarra, a cratera, uma enorme lagoa que parece mais um mar dividido em ilhas e ilhéus: Morcebo, Mato, Manquinho, Braço, Bracinho e Marreco. Nem uma árvore se vislumbra. Só erva, muito tosquiada, e junco vermelho, são toda a sua decoração. O corvino vive da agricultura e da pecuária.





O grande transporte desta gente é o burro e o cavalo. Há também um único automóvel, uma camioneta e uma moto, todos eles com motores já muito gastos pelo uso. É presidente do município o Prof. Alfredo Lopes.

FLORES – A ILHA ENCANTADA

A 15 milhas da sua irmã, o Corvo, as Flores é uma das mais bonitas ilhas dos Açores. Uma série de montanhas circundam toda a periferia. O seu nome foi dado exactamente pelas hortensias que inundam por completo toda a área que é 142,84 km², com 6617 almas. No mês de Abril e de Maio esta grande floração transforma-se num autêntico jardim. A ilha é toda uma vertente de verdura. Um dos seus picos mais elevados é o Morro Grande (941m.) e, logo a seguir, o de Lomba-de-Vaca (843m.). Há crateras de vulcões extintos, hoje transformados em lagoas embelezadas por riquíssima flora. A hortense impera em tudo como a flor-rainha. Divide-se em dois concelhos: Santa Cruz das Flores e Lajes das Flores.



Com a instalação da Base Francesa (Estação de Rastreio de Teleguiados) está a ser construído um hotel, que, depois, em 1966 ficou concluído. É interessante recordar-se uma passagem de muito portuguesismo manifestada, há tempos, por este bom povo. Não vivendo em maré de rosas recusaram-se vender qualquer terreno aos súbditos franceses para a construção urbana ou para a instalação de negócios comerciais. Os homens das Flores responderam-lhes com um não categórico.

Este povo não vive a vida trepidante imprimida pelo modernismo. Lassidão de nervos, estatismo, vida igual à de todos os dias. O farol que risca os ares da noite lembra um gritante reclame luminoso que lhes dá sopro de vida moderna. É só isto que lhes lembra a vida hodierna. Estuda-se a possibilidade de um aeródromo que ligará as Flores às ilhas que possuem campos de aviação.

Dentro de um ano a canalização da água é uma realidade. Em 1966, projectava-se um porto e uma central eléctrica que foram finalmente concretizados agora em 1967, com a central hidroeléctrica de Ribeira de Além Fazendas, e a rede que custou 33 mil contos. Os Paços do Concelho foram inaugurados pelo ministro Santos Júnior, em 25-VIII-67.

No Vale da Fazenda, construi-se a barragem Está em estudo a construção de um porto de abrigo que ficará em mais de cem mil contos. A ilha tem um médico para 6000 habitantes. A Misericórdia na qual funciona um bom hospital vive em sérias dificuldades financeiras para cumprir a sua missão. Emigração em grande escala para o Canadá e para os Estados Unidos. A cadeia de Santa Cruz das Flores está nos baixos do hospital. Não tem vidros nem grades. Qualquer preso pode ganhar assim a libertação de um momento para o outro.





flores e corvo 2007

projecto

A gente é pacífica. Durante mais de 50 anos deram-se apenas dois crimes: um, em 1964, cujo criminoso era micalense; outro, era madeirense.

Não há polícia. Em sua substituição os presidentes dos Municípios Fernando de Freitas Silva e Maurício Luís Escobar, este último de Santa Cruz das Flores fazem as suas vezes. Falam-lhes ao coração. Eles rendem-se totalmente.



As Flores mantêm um Observatório e uma Estação de Rádio Naval que prestam relevantes serviços à navegação. Em 10-V-1967 foi criada a Federação dos Municípios da Ilha das Flores que é gerida por um Conselho de Administração, e em Setembro deste mesmo ano foi autorizada a construção para a Capitania e Comando da Defesa Marítima.

Exporta gado, lacticínios e óleo de baleia. Sede de Julgado Municipal e Comarca (em Santa Cruz das Flores a qual abrange também a Ilha do Corvo).

O Visconde de Castilho, que aqui esteve dizia que algumas regiões desta Ilha faziam lembrar, pela sua beleza e pitoresco, a Suíça. Outros escritores citam-na como uma das mais privilegiadas e de interesse turístico.



A visita ao Vale da Fazenda de Santa Cruz e ao Vale da Ribeira da Cruz são verdadeiros mimos de beleza. A Furna dos Enxaréus pela sua tonalidade valia uma pintura. A baía da Ribeira da Cruz, imponente pela altura e pelo comprimento é ponto obrigatório de interesse turístico. A tradição diz que ali foi refúgio de um veleiro espanhol que vinha das Américas, de Alabama.

Foram construídas 18 moradias em Santa Cruz das Flores.

Enfim, as Flores deve ser incluída na «Potencialidade Turística Açoriana» assim como o Corvo. Diferentes nos seus aspectos, mas com características afins. São portas abertas para o turismo. Mas não podem só, por si, resolver os problemas quando têm como

receita ordinária somente trinta contos anuais.

59

expedição científica

A. Lopes de Oliveira

In: Ilhas de Bruma – roteiro açoriano, 1967 Livraria Editora Pax, Lda., 52-59p.





ALGUNS NOMES QUE TIVERAM ESTAS DUAS ILHAS

Antes de deixarmos este tema da descoberta, difícil e áspero por natureza, duas referências, muito breves, aos nomes que tiveram as ilhas do Grupo Ocidental. O assunto tem interesse relativo, é certo, mas, sem grande prosa nem trabalho, poderá, mesmo assim, satisfazer a natural curiosidade de um ou de outro.

Da leitura desses diferentes nomes, resulta à vista, desde logo, um curioso conceito, que teve e entendeu estas duas ilhas por um arquipélago próprio, e independente, portanto, do dos Açores. É assim que nos documentos oficiais da época, a par das ilhas da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde, se enunciavam como da posse do Reino as «ilhas das Flores». É assim, ainda, que, em carta de 1475, D. Afonso V faz doação, não da ilha das Flores e da ilha do Corvo, mas sim das ilhas das Flores – designação, de resto, que se haveria de manter por uns acrescidos anos mais.

Na segunda metade do século XVI – e coincidindo, sensivelmente, com o início da ocupação filipina – a designação é substituída então, por «ilhas de Santo Antão, Flores e Corvo». Alterava-se assim o nome, que iria ser utilizado até finais de seiscentos, mas, de certa forma, mantinha-se a ideia de arquipélago individualizado. (Empregue embora já em 1548, a designação Santo Antão atinha-se na altura, tão-somente, à maior das ilhas mais ocidentais).

Em vida, porém, do Infante D. Henrique – e veja-se, por exemplo, a carta régia datada de 3 de Dezembro de 1460 ⁽²²⁾ – tinham sido estas duas ilhas conhecidas por S. Tomás (as Flores) e Santa Iria (o Corvo). Na sua «Monarchia Lusitana» ⁽²³⁾, Frei Francisco Brandão confirma, de resto, o baptismo daquela, atribuindo a escolha desse nome a consideração e respeito pelo santo inglês do século XII Thomaz B. Canturiense.



1455. Fundamentos? É que, explica este autor, a mais antiga carta portuguesa que atribui o nome de Flores à maior dessas ilhas, designava já a menor de San maz.

Uma coisa, no entanto, é certa – talvez porque se tenha alimentado no texto de Frei Brandão e no mapa de Soligo, o que a tradição nos diz, diverge completamente da opinião expressa por Viriato Campos. Resta-nos, agora, a denominação Corvis Marinis,





de todas elas a mais antiga. Que ilha designaria esse nome? A que hoje chamamos Corvo?

É bem possível que não, malgrado toda essa similitude vocabular. Naquilo que pretendia ser o Grupo Ocidental, o Atlas Mideceu – aquele que, de toda a cartografia tridentista, melhor representará as supostas ilhas açorianas – inscreve uma só ilha, que baptiza de Corvis Marinis. A merecer este mapa algum crédito, é evidente que essa ilha só poderia ser as Flores, mais não seja pela avantajada dimensão que tem, ou, ainda, por ali se omitir uma vizinhança que é notória.

Um século mais tarde, a carta régia de 20 de Janeiro de 1453 parece, de resto, vir confirmar esta suposição. Não é crível que ao Duque de Bragança e Conde de Barcelos, por sinal tio do monarca, tivesse então El-Rei doado o pequeno Corvo, ignorando, de todo em todo, uma ilha bem próxima, mais principal e igualmente recém achada. Terá, sim, D. Afonso V doado as Flores, que aos mapas de trezentos fora buscar tal designação, e, por arrastamento, a ilha mais pequena, tida ao tempo por um ilhéu daquela. Aliás, era este ainda, no reinado de D. Sebastião, o conceito oficial que se fazia dessas duas parcelas atlânticas – Flores e seu ilhéu. E só com o governo da Regência lograria o Corvo alcançar das Flores independência administrativa, quando o decreto de 21 de Junho de 1832, assinado em Ponta Delgada, sob proposta de Mouzinho da Silveira, elevou à categoria de vila a povoação local, ali constituindo, também, uma «Câmara Municipal independente».



Chegados aqui, uma pergunta: será porventura heresia admitir-se que Corvis Marinis e Corvo tenham designado, inicialmente, a ilha das Flores.

[21] «Arquivo dos Açores», I, 14 e 15.

[23] Frank Stanley Weston, «A ilha de São Thomaz», B.N.C. da Horta, vol 3, nº. 3, Dez. 1964.

[24] – «Sobre o Descobrimento e Povoamento dos Açores».

Francisco António N. P. Gomes

In: Flores e Corvo – o outro arquipélago. 1989. Edição da Câmara Municipal de Lajes das Flores.





ILHA DAS FLORES percursos pedestres classificados

CÓDIGO DE ÉTICA E CONDUTA DO PEDESTRIANISTA / CODE OF ETHICS AND BEHAVIOUR FOR WALKERS

1. Antes de iniciar a caminhada, informe sempre alguém de qual o percurso que irá fazer e quando pretende começar.
1. Before starting the walk always inform someone about the trail you will take and when you intend to start it.
2. Certifique-se de que possui o equipamento adequado e os mantimentos necessários.
2. Make sure you have the adequate equipment and plenty to eat and drink.
3. Evite sair do trilho identificado, não utilize.
3. Avoid leaving the identified trail and do not take short cuts.

PERCURSOS / ROUTES

- ▶ Ponta Delgada - Fajã Grande / Miradouro das Lagoas - Fajã Grande
- Lajedo - Fajã Grande / Fajã de Lopo Vaz



AZOREAN OFFICIAL WALKING TRAILS

PERCURSOS PEDESTRES CLASSIFICADOS DOS AÇORES



Flores

PONTA DELGADA – FAJÃ GRANDE

Início: Ponta Delgada
Termo: Fajã Grande
Distância: 9 quilómetros
Duração: 2,5 horas
Dificuldade: médio



Este percurso tem início depois de passar a ponte que passa sobre a Ribeira do Moinho, mais à frente vai encontrar um cruzamento de acesso ao farol de Albarnaz. Siga pelo caminho à sua esquerda, depois de caminhar cinco minutos irá encontrar à sua direita uma marcação. O caminho propriamente dito começa por uma zona de empedrado,





subindo um pouco. Depois de quinze de percurso, encontrará um caminho do seu lado esquerdo, ignore-o e continue sempre em frente, passando depois por algumas cancelas [portões de madeira] e pelo leito de várias ribeiras, até começar a descer em direcção ao lugar da Ponta da Fajã.

Atenção, devido à água que normalmente acompanha o trilho, este pode tornar-se escorregadio. Após uma hora e quinze minutos de caminhada, chegará ao lugar da Ponta da Fajã. Siga sempre em frente até chegar à Igreja e uma casa do Espírito Santo. A partir daqui deve seguir pela estrada de asfalto. Ao chegar à última Ribeira [das Casas], poderá presenciar uma queda de água bastante bela sobre o chamado Poço do Bacalhau. Depois da ribeira, siga pela estrada de asfalto em frente até chegar ao centro da freguesia da Fajã Grande, ou tome um caminho antigo à sua direita, que o levará até junto da zona balnear onde poderá refrescar-se, tomar uma refeição ou o seu transporte.

FAJÃ GRANDE – MIRADOURO DAS LAGOAS

Início: Fajã Grande
Termo: Miradouro das Lagoas
Distância: 6 quilómetros
Duração: 2 horas
Dificuldade: médio



"Quem olha pela primeira vez para a vertical Rocha da Fajã talvez não possa acreditar que haja um caminho para subir, mas este de facto existe, e é mais agradável percorrê-lo de cima para baixo. Após o cruzamento do Jardim, segue-se pela estrada que vai para Santa Cruz até à ponte da Ribeira Grande, em vez de seguir pela curva à direita, deve-se ir pela estrada de bagaça que vai ter ao Morro Alto, o pico mais elevado e panorâmico das Flores, com a grande antena de telecomunicações aí instalada em mil novecentos e oitenta e seis.





A estrada desenha uma acentuada curva à esquerda, onde é atravessada por uma gruta. Olhando para trás, admira-se a vista excelente da Lagoa Branca, onde antigamente os Povos das ditas Fajãs, atravessavam pelo meio em cima de grandes camadas de lenha, para encurtarem o caminho". À direita da Lagoa Branca, também se pode ver a cratera da Lagoa Funda.

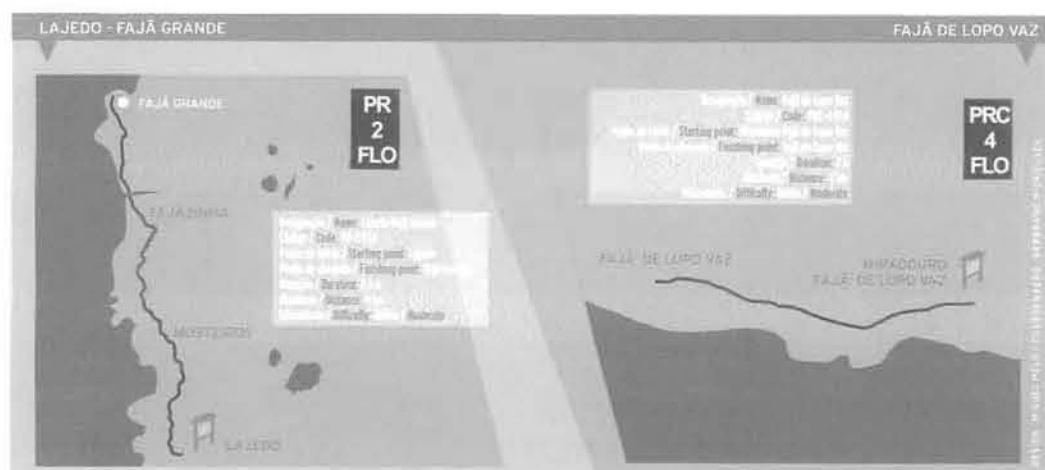
LAJEDO – FAJÃ GRANDE

Início: Lajedo
Termo: Fajã Grande
Distância: 9 quilómetros
Duração: 2,5 horas
Dificuldade: médio



Este percurso tem início no final da Estrada de asfalto que dá acesso ao porto da freguesia do Lajedo. Um pouco à frente do início do trilho, encontrará uma bifurcação de caminhos, ambos levam ao Mosteiro. Siga pelo caminho da esquerda, descendo por um trilho empedrado. Siga sempre pelo trilho acompanhando as diversas subidas e descidas que o caminho proporciona, passando pelo leito de algumas ribeiras. Os últimos vinte minutos fazem-se em subida, ignorando algumas saídas quer à direita, quer à esquerda até atingir a estrada de asfalto. Siga pela esquerda até chegar a um pequeno largo onde se encontra a Igreja. Continue na estrada de asfalto, atravessando a freguesia, virando à direita e seguindo no sentido do lugar da Caldeira do Mosteiro.

64



Antes de chegar à antena de telecomunicações, que pode observar no cimo de um monte, encontrará nova marcação, que o levará a descer por uma vereda, em direcção à freguesia da Fajãzinha, o que demorará cerca de trinta minutos. Ao chegar à Fajãzinha, passando pela Igreja e pelo largo do Rossio, deverá seguir pela esquerda junto de um pequeno estabelecimento comercial, até um pequeno largo de onde iniciará a





sua descida em direcção à Fajã Grande, tendo antes de atravessar a Ribeira Grande. De notar que esta passagem está bastante difícil, devido aos últimos temporais, que alargaram bastante as margens, criando alguns problemas de transposição da mesma, embora consiga ver com alguma facilidade a continuação do percurso na outra margem. Depois de transposta a dificuldade, basta continuar no trilho empedrado, ignorando algumas saídas à direita que levam a zona de pastagens, ou ao lugar da Cuada. Ao chegar à estrada de asfalto, siga pela esquerda em direcção ao centro da freguesia da Fajã Grande passando pela Igreja até à zona balnear onde terminará o percurso.

FAJÃ DE LOPO VAZ

Início: Fajã de Lopo Vaz
Termo: Fajã de Lopo Vaz
Distância: 4 quilómetros
Duração: 2 horas
Dificuldade: médio



Na Vila das Lajes, depois de passar o campo de futebol, no sentido Lajes – Fajã Grande, entre na primeira rua à sua esquerda que é a Rua P. João Fraga Vieira. Seguindo sempre em frente e ignorando uma saída à esquerda e outra à direita, vai encontrar um entroncamento, vire para a esquerda e siga sempre em frente ignorando ainda quaisquer saídas quer à esquerda, quer à esquerda, quer à direita, até encontrar um pequeno parque de lazer e um miradouro. Já no miradouro da Fajã de Lopo Vaz, irá encontrar à sua direita um caminho um pouco estreito que começa com pequenas escadinhas, esse é o início do percurso. Desça sempre o caminho até chegar a uma zona de areia preta, aí irá encontrar uma marca que indica o fim do percurso. Logo em frente verá uma praia de areia e pedra preta que lhe proporcionará um belo passeio ao longo da mesma. Na zona das pequenas casas que lá estão, existe uma nascente de água onde poderá refrescar-se.



In: Prospecto turístico divulgado pelo Posto de Turismo das Flores, 1994.
Serviço de Ilha das Flores e Corvo, Secretaria Regional da Economia.





SELECÇÃO BIBLIOGRÁFICA

- AZEVEDO, J. M. M., M. R. P. FERREIRA, 2006. The volcanotectonic evolution of Flores Island, Azores (Portugal). *Journal of Vulcanology and Geothermal Research* 156; 90-102.
- AZEVEDO, J.M., 1998. Geologia e Hidrogeologia da ilha das Flores (Açores – Portugal). Tese de Doutoramento em Hidrogeologia. Departamento de Ciências da Terra, Universidade de Coimbra. Vol 2; 263 p.
- AZEVEDO, J.M.M., 1990. Os depósitos vulcanoclásticos do complexo de base sudoeste da ilha das Flores – Estrutura e ambiente de formação. *Memórias e Notícias, Publ. Lab. Mineral. Geol., Univ. Coimbra* 109; 35-63.
- AZEVEDO, J.M.M., 1991. Transição do vulcanismo protoinsular para o vulcanismo insular na ilha das Flores, Açores. Comunicação in: *III Congresso Nacional de Geologia, Coimbra, Outubro*; 57.
- AZEVEDO, J.M.M., 1998. Geologia e Hidrogeologia da ilha das Flores (Açores – Portugal). Tese de Doutoramento em Hidrogeologia. Departamento de Ciências da Terra, Universidade de Coimbra. Vol 1; 140 p.
- AZEVEDO, J.M.M., E.I. ALVES e J.L. DIAS, 2003. Contributo para a interpretação vulcanostrutural da ilha do Corvo, Açores. *Ciências da Terra (UNL), Lisboa, esp.V, CD-ROM*; A5-A8.
- AZEVEDO, J.M.M., M.R.P. FERREIRA e J.A. MARTINS, 1991. The emergent volcanism of Flores island, Azores (Portugal). *Arquipélago*. 9; 37-46.
- AZEVEDO, J.M.M., M.R.P. FERREIRA, 1999. Volcanic gaps and subaerial records of palaeo-sea-levels on Flores Island (Azores): tectonic and morphological implications. *Geodynamics* 28; 117-129.
- AZEVEDO, J.M.M., M.R.P.V. FERREIRA e J.A. MARTINS, 1986. O complexo de base da ilha das Flores, Açores. *Memórias e Notícias, Publ. Lab. Mineral. Geol., Univ. Coimbra* 101; 55-71.
- BENHAMOU, G. & F. LEMARCHAND, 1984. Petrologie des îles de Flores et Corvo (Açores, Portugal). *Relatório* 29 p.
- BRAGAGLIA, PIERLUIGI, 1997. História dos laticínios da ilha das Flores. Perfil histórico do pioneirismo associativo da ilha das Flores e da produção e exportação dos seus laticínios no séc. XX. Edição da Câmara Municipal das Lajes das Flores.
- BRANDÃO, RAUL, s.d. As ilhas desconhecidas. Notas e paisagens. Lisboa. *Perspectivas & Realidades*.
- BRUNET, P. e C. THOMAS, 1990. Expédition Flores 90. *Relatório. GRESPA 6 e SAGA (Ed.)*, Paris. 23 p.
- BULÇÃO, ANTÓNIO LACERDA, 1892. "Cinco dias na Ilha do Corvo", *Arquivo dos Açores*, vol. XI, n.º 66, Ponta Delgada, pp. 554-557.
- CAMPOS, VIRIATO, 1983. Sobre o Descobrimento e Povoamento dos Açores. Europress, Lisboa.





- CHAGAS, FREI DIOGO DAS, 1989. Espelho Cristalino em Jardim de várias Flores, (d direcção e prefácio de Artur Teodoro de Matos, colaboração de Avelino de Freitas de Meneses e Vítor Luís Gaspar Rodrigues), Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo [a parte dedicada ao Corvo: pp. 489-494].
- CORTESÃO, JAIME, 1933-36. "A viagem de Diogo de Teive e Pero Vasquez de la Frontera ao Banco da Terra Nova em 1452", Arquivo Histórico da Marinha, vol. I. Lisboa, pp. 7-24.
- FRUTUOSO, GASPAS, (1561 - impresso como Frutuoso, 1983). *Saudades da terra*. 2ª edição. Publicada em volumes entre 1978 e 1983, edição. J.B.O. Rodrigues. Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada.
- FRUTUOSO, GASPAS, 1963. Livro Sexto das Saudades da Terra. Instituto Cultural de Ponta Delgada. Ponta Delgada.
- GOMES, FRANCISCO ANTÓNIO N.P., 1997: A ilha das Flores: Da redescoberta à Actualidade (subsídios para a sua História), pp. 148 e 301-302. Edição da Câmara Municipal das Lajes das Flores.
- GOMES, FRANCISCO ANTÓNIO N.P., 1984. Subsídios para a história da ilha das Flores. Edição da Câmara Municipal de Lajes das Flores. 266pp.
- GOMES, FRANCISCO ANTÓNIO N.P., 1985. Imprensa na ilha das Flores (a história possível). Edição da Câmara Municipal de Lajes das Flores. 42pp.
- GOMES, FRANCISCO ANTÓNIO N.P., 1986. Organização de subsídios para o cancionero popular da ilha das Flores, de Jacob Tomaz. Edição da Câmara Municipal de Lajes das Flores. 178pp.
- GOMES, FRANCISCO ANTÓNIO N.P., 1988. A caça à baleia nos Açores. Edição da Câmara Municipal de Lajes das Flores. 1ª edição. 43pp.
- GOMES, FRANCISCO ANTÓNIO N.P., 1989. Flores e Corvo, o "outro" arquipélago. Edição da Câmara Municipal de Lajes das Flores. 38pp.
- GOMES, FRANCISCO ANTÓNIO N.P., 1991. O canal da América. Edição da Câmara Municipal de Lajes das Flores. 20pp.
- JULES MEES, 1902. Histoire de la découverte des Îles Açores. *The Geographical Journal*, vol. 20, nº. 4 (Oct., 1902), pp. 441-442.
- LEITE, JOSÉ GUILHERME REIS, 1993. Um retrato da Ilha das Flores no final do antigo regime - a Memória do padre José António Camões, in: Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. XLVIII (48) - 1990; IHIT, Angra do Heroísmo; p. 478.
- MACEDO, A.L. DA SILVEIRA, 1981. História das Quatro Ilhas, que formam o Distrito da Horta, 3 volumes, Horta. [fac-simile da edição de 1871: Região Autónoma dos Açores, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Angra do Heroísmo].
- MACHADO, A., J. M. M. AZEVEDO, 2006. Volcano-Tectonic Characterization of Proto-Insular Phases of Flores Island, Azores. 4ª Jornadas Internacionais de Vulcanologia da Ilha do Pico - Livro de resumos, Maio. Lajes do Pico; 43 - 45.
- MEDEIROS, C. A., 1987. *A Ilha do Corvo*. Livros Horizonte, Lda., 143 pp.
- MEDEIROS, CARLOS ALBERTO, 1967. *A Ilha do Corvo*, 2ª edição. Livros Horizonte, Lisboa, 1987 (com um apêndice).
- MONTEIRO, L.R., J.A. RAMOS & R.W. FURNESS, 1996. Past and present status and conservation of the seabirds breeding in the Azores. *Biological Conservation* 78: 319-328.
- Projecto MARÉ. Proposta Técnico-Científica para Gestão Integrada das Zonas Marinhas e Costeiras do Sítio de Interesse Comunitário do "Costa e Caldeirão do Corvo". in prep.





SANTOS, R.S., S.J. HAWKINS, L.R. MONTEIRO, M. ALVES & E.J. ISIDRO, 1995. Marine Research, Resources and Conservation in the Azores. *Aquatic Conservation: Freshwater and Marine Ecosystems*, Vol. 5, No. 4: 311-354.

SARAMAGO, JOÃO, 1992. Le parler de l'île de Corvo - Açores. Grenoble, Université de Stendhal - Grenoble III, Centre de Dialectologie.

SILVEIRA, J., 1969 Anais do Município de Lajes das Flores, Anotados por Pedro da Silveira e Jacob Tomaz, Edição da Câmara Municipal de Lajes das Flores.

SILVEIRA, PEDRO DA, 1960. "Para a história do povoamento das Ilhas das Flores e do Corvo" (com três documentos inéditos), Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. II, n.º 2, Horta, pp.175-198.



68

LINKS CONSULTADOS

<http://cm-santacruzdasflores.azoresdigital.pt/>

<http://www.cm-corvo.pt>

<http://www.cmlflores.raacores.net/index.htm>

<http://www.ebimouzinhodasilveira.org/>

<http://www.ebimouzinhodasilveira.org/jornalescolar/>

<http://www.inventario.iacultura.pt/fichas/corvo/textos/index.html>



...///...

oceano de encontro aos ilhéus, um rendilhado de alva espuma que se desvanece na ressaca, cruzeiros levantados na coroa de picos, clamando pelas atenções divinas, pequenas capelas que o povo construiu e dedicou à Virgem Santíssima e a um outro santo da sua predilecção.

Ilha das Flores, manancial de formosura, toda ela um altivo miredouro para as povoações que a circundam, ao longo da costa. Fajãzinha, Ponta Delgada, Fajã Grande (com a sua «Ponta»), Santa Cruz, Lages, Fazenda das Lages, Cedros, Lomba, Lagedo, Fazenda de Santa Cruz, Mosteiro, Caveira ...

Ilha das Flores, de início coberta de cubres, hoje revestida de hortênsias. Ilha que é uma euforia de cor, um oásis de graciosidade, um sublime devaneio da natureza.

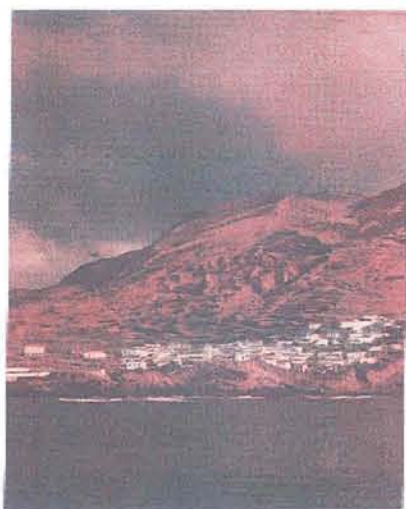
*

O Corvo, sob o domínio da ancestralidade, casas e canadas típicas, é a ilha castiça do arquipélago. No alto, afunda-se o gigantesco caldeirão. Sete ilhotas agrupadas povoam-lhe o lastro, emergindo das águas quietas.

O Corvo, costas altas, mar ponteado de ilhéus. Boqueirão, Ponta Negra ...

A lenda do aparecimento da escultura de Nossa Senhora do Rosário, ao lado do Porto da Casa. Uma imagem que mudou de nome. A mesma que é agora de Nossa Senhora dos Milagres ...

O Corvo, ilha de repouso, de meditação, de quietude, de amor. O Corvo, um travesso devaneio da natureza ...



Guido de Monterey
In: Flores e Corvo (Açores). As Ilhas do Ocidente, 1979.

**Associação dos
Bombeiros Voluntários
de Santa Cruz das Flores
Associação de Jovens das Flores
Clube Informático de Santa Cruz
das Flores
Associação de Municípios
da Ilha das Flores
Câmara Municipal das
Lajes das Flores**



**Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores
Câmara Municipal de Vila Nova do Corvo
Clube Naval das Lajes das Flores
Corpo de Escuteiros da Ilha das Flores
Agrupamento 691 de Nossa Senhora da Conceição
Ecoteca da Ilha das Flores
EDA, Electricidade dos Açores, S.A.
Distribuição Flores e Corvo
Escola Básica/Integrada Mouzinho da Silveira
de Vila Nova do Corvo
Escola Superior de Enfermagem de Angra do Heroísmo
Serviços de Ambiente das Flores e Corvo
Serviço de Desenvolvimento Agrário
das Flores e Corvo
Serviços Florestais das Flores e Corvo
Serviços de Ilha da Secretaria Regional
da Habitação e Equipamentos**

patrocínios

